Interações sociais:

estudo e intervenção abordando a agressividade e a timidez na escola

Andreia Cristiane Silva Wiezzel

Atena
Editora
Ano 2021

Interações sociais:

estudo e intervenção abordando a agressividade e a timidez na escola

Andreia Cristiane Silva Wiezzel

Atena Editora

Ano 2021

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Editora Chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Assistentes Editoriais
Natalia Oliveira
Bruno Oliveira
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto Gráfico e Diagramação
Natália Sandrini de Azevedo
Camila Alves de Cremo
Luiza Alves Batista
Maria Alice Pinheiro
Imagens da Capa
Shutterstock
Edição de Arte
Luiza Alves Batista
Revisão
Os Autores

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Ano 2021

Ano 2021

Atena
Editora

Ano 2021

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Interações sociais: estudo e intervenção com relação à agressividade e timidez na escola

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: A Autora
Autora: Andreia Cristiane Silva Wiezzel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W652 Wiezzel, Andreia Cristiane Silva
Interações sociais: estudo e intervenção com relação à agressividade e timidez na escola / Andreia Cristiane Silva Wiezzel. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-877-9
DOI 10.22533/at.ed.779210403

1. Educação infantil. 2. Crianças. 3. Agressividade. 4. Timidez. 5. Escola. I. Wiezzel, Andreia Cristiane Silva. II. Título.

CDD 372.21

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DA AUTORA

A autora desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao manuscrito científico publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção do respectivo manuscrito, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o manuscrito científico publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Ao Ministério da Educação - ProExt - 2015

À Universidade Estadual Paulista

Às estagiárias do Curso de Pedagogia

À escola parceira, nas figuras dos gestores, professores, pais e alunos.

APRESENTAÇÃO

Crianças com dificuldades em relacionamentos na escola. Este é o tema gerador deste livro, que trata, especialmente, de questões que envolvem a agressividade e a timidez em sala de aula.

Os fenômenos da agressividade e timidez vêm sendo investigados por mim desde 2008. Inicialmente a pesquisa voltou-se para uma compreensão teórica dos temas e, entre 2009 e 2015, desenvolvi um método de intervenção com crianças, família e professores, aproximando a pedagogia à psicanálise infantil winnicottiana. Por meio desse método foi possível investigar o impacto de atividades lúdicas individualizadas sobre manifestações de agressividade e comportamentos associados à timidez entre crianças de quatro a seis anos, bem como os fatores que interferiam nesses processos.

O método, aplicado e aprimorado ao longo de dez anos, mostrou resultados positivos junto à amostra investigada. Entre as 40 crianças participantes da pesquisa, 39 delas demonstraram melhora significativa em suas relações interpessoais em sala de aula, apresentando maiores condições emocionais de lidar com a agressividade e diminuição de características relacionadas à timidez.

Durante esse trabalho levantou-se vasto material a respeito das crianças participantes da intervenção. Como se tratou de pesquisa qualitativa que envolveu vários estudos de caso, os dados coletados contemplaram situações e categorias de sujeitos diversas, com o objetivo de mapear de forma ampla e aprofundada o entorno das crianças bem como seus processos internos.

Uma nova versão deste projeto inicial, submetido ao Edital PROEXT/2015 (vinculado ao Ministério da Educação) foi aprovado em primeiro lugar, na categoria Educação. Dentre as atividades desse projeto, colocado em prática sob financiamento do MEC com contrapartida da Universidade Estadual Paulista (Unesp), está prevista a elaboração de um livro, apresentando os resultados do trabalho desenvolvido entre 2018 e 2019.

Esta é uma breve contextualização do projeto que compõe este livro, produzido com muita satisfação para apresentar aos leitores este trabalho, tendo como colaboradores alunos pertencentes ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), gestores, professores e alunos de uma escola pública do interior de São Paulo-SP.

A pesquisa apresentou impacto bastante significativo à vida psíquica das crianças, transformando a qualidade de suas interações sociais em sala de aula. A equipe trabalhou de forma muito dedicada e comprometida, o que possibilitou os resultados positivos alcançados. Meus agradecimentos a todos que viabilizaram e participaram deste trabalho.

Este livro está organizado da seguinte maneira: no capítulo 1 encontra-se uma teorização a respeito da agressividade e timidez na escola, com base em Donald Woods Winnicott, destacando-se os fatores exógenos e endógenos subjacentes aos dois fenômenos. No capítulo 2 é destacada a metodologia do projeto e aos capítulos 3 e 4 foram reservados o desenvolvimento do projeto, as apresentações dos casos das crianças investigadas bem como os resultados obtidos. A avaliação da experiência é relatada no capítulo 5 e finalizo o livro com algumas reflexões a respeito da temática e do projeto.

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar.

E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. (Paulo Freire)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

As questões referentes à agressividade e timidez demandam investigação criteriosa e profunda, tendo em conta que envolvem os impulsos destrutivos, que têm grande importância à formação de capacidades e sentimentos fundamentais ao desenvolvimento dos relacionamentos humanos.

Tais questões geram preocupação entre os pesquisadores, gestores, professores e pais não somente pelas dificuldades que criam, mas pelas perspectivas futuras das crianças, caso não sejam construídas formas alternativas de auxílio a elas.

Quando os impulsos agressivos não são geridos adequadamente, as consequências se apresentam no lar e/ou na escola, sobretudo no que concerne às relações interpessoais, podendo prejudicar, ainda, a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. Enquanto docente da universidade em cursos de licenciaturas diversos esta temática trouxe preocupação diante da constatação de que os graduandos, ao participarem de estágios supervisionados obrigatórios, presenciam manifestações agressivas perturbadoras entre crianças e adolescentes, e estas têm sido apontadas por eles como motivo a um questionamento quanto à escolha profissional que fizeram.

Por sua vez, entre os docentes da educação básica, também são frequentes as queixas envolvendo crianças que apresentam manifestações agressivas, interferindo em sua aprendizagem e/ou na do grupo bem como nos processos de socialização. O que percebi, durante reuniões realizadas com professores, é que estão se sentindo desgastados e impotentes. Os professores, em geral, desconhecem o desenvolvimento emocional, as necessidades afetivas das crianças e possíveis formas de condução das expressões decorrentes de conflitos emocionais na escola, já que tais temas não são explorados nos cursos de formação inicial e continuada de professores. A ênfase costuma ser à questões que envolvem o desenvolvimento físico e cognitivo, havendo pouca abertura à discussões que contemplem o desenvolvimento emocional.

Neste quadro, os professores de educação básica apontam, ainda, preocupação com alunos cujos comportamentos não permitem uma socialização adequada: crianças que se isolam, que temem as relações, que pouco ou nada se envolvem em atividades/brincadeiras, que não verbalizam seus desejos, necessidades e opiniões; que não conseguem se dirigir ao professor nem mesmo para dizer que precisam ir ao banheiro. Essas crianças se mostram, por vezes, muito inseguras e, da mesma forma que aquelas que manifestam agressividade, trazem angústia aos professores.

As dificuldades à prática docente decorrem do fato de que essas crianças não costumam responder aos padrões de interação que os professores têm com as demais, porque o que as motiva a ir à escola são necessidades diferentes. Winnicott (2005) aponta, por exemplo, entre os casos de crianças que manifestam agressividade, que o interesse na escola está mais relacionado ao afeto do que propriamente ao conteúdo escolar.

Quando há a percepção de que possíveis necessidades afetivas infantis podem estar refletidas em manifestações de raiva, hostilidade, comportamento desafiador, isolamento, apatia, medo, os professores tendem a estar mais atentos aos pedidos de ajuda das crianças (WINNICOTT, 1992, 2005). Os principais objetivos é que elas sejam vistas por meio de um olhar sensível e técnico, compreendidas em seus apelos e recebam

auxílio em suas formas de conduzirem e compreenderem seus papéis sociais.

Para isso é imprescindível que os professores conheçam a dinâmica interna e as características dessas crianças, pois elas não se isolam ou agridem ao professor por prazer, mas porque algo lhes angustiam. Neste contexto, ou se expressam agressivamente para que sejam vistas e auxiliadas ou se afastam, se excluindo, por medo/defesa diante daquele ambiente tido como uma ameaça.

Diante disso o *objetivo geral* do projeto consistiu em investigar e realizar intervenção junto à cinco crianças (três com manifestações agressivas e duas tidas como tímidas em sala de aula), de forma a contribuir às suas relações interpessoais. Para tanto, os *objetivos específicos* foram: 1- Identificar e compreender as dificuldades de relacionamento apresentadas pelas crianças, em sala de aula; 2- Levantar aspectos do histórico de vida das crianças; 3- Proporcionar às crianças momentos de intervenção, por meio do brincar; 4- Auxiliar os professores a se relacionarem com essa criança; 5- Auxiliar os pais quanto a alguma dificuldade com os filhos, envolvendo a agressividade ou timidez; 6- Oportunizar uma aproximação dos universitários com a realidade escolar, por meio da relação teoria e prática; 7- Divulgação dos resultados do projeto por meio de apresentações de trabalhos em eventos e produção de um livro, com relatos e análises de experiências vividas no projeto.

Considerando a complexidade dos problemas investigados, buscou-se tanto a inclusão social das crianças tímidas como daquelas que sofriam com a agressividade, amenizando o mal estar dessas crianças e instrumentalizando a escola e pais para que pudessem orientá-las e acolhe-las, minimizando, também, a angústia dos professores.

Uma vez apontadas as características básicas desse trabalho, será apresentada, brevemente, a linha teórica subjacente.

AGRESSIVIDADE E TIMIDEZ: UM DIÁLOGO ENTRE FATORES EXTERNOS E INTERNOS ÀS CRIANÇAS

Existem, dentro da psicologia, linhas teóricas que discutem a agressividade e a timidez, analisando-as desde questões puramente inatas até questões puramente ambientais. Na psicanálise, e especialmente, na teoria de Winnicott, encontra-se uma discussão muito interessante a respeito da agressividade e timidez infantil, e que não as vinculam, estritamente, a aspectos externos ou internos à criança, mas a uma combinação desses fatores.

Winnicott (2005) destaca que o tema agressividade ganhou notoriedade nos estudos psicanalíticos após a Primeira Guerra Mundial, momento em que a sociedade precisou encontrar formas de apoiar as crianças órfãs. Winnicott se tornou supervisor de uma rede de orfanatos e manifestações agressivas tornaram-se constantes nesses espaços. Na tentativa de compreender tais manifestações, Winnicott começou a analisar o desenvolvimento emocional das crianças, especialmente as influências das relações afetivas neste desenvolvimento, chegando à conclusões importantíssimas a respeito da agressividade.

Para Winnicott (1982), ainda que as dificuldades de relacionamento possam

resultar de características específicas às experiências de cada criança, também podendo envolver causas estritamente internas, associadas a patologias, há que se considerar a influência de fatores referentes aos relacionamentos afetivos, não sendo raros estudos que indicam uma correlação entre atitudes desejáveis em relacionamentos sociais e a influência das relações familiares no desenvolvimento emocional das crianças. Uma boa relação entre mãe e criança, por exemplo, vem sendo associada, por meio do tipo de relação de apego que desenvolve, a uma menor ocorrência de problemas socioemocionais e cognitivos nos anos iniciais da escolarização. Tais estudos são inspirados na teoria de Bowlby (1989) que, em análise das relações entre mães e filhos, destaca que a raiz da personalidade relaciona-se aos primeiros relacionamentos da infância.

As crianças cujos relacionamentos na infância tenham proporcionado segurança e autoestima tendem a ser mais autônomas e a desenvolver relacionamentos mais estáveis. Winnicott (2005), no mesmo sentido, destaca o papel da estrutura emocional familiar na organização da personalidade da criança, ressaltando que a última necessita de cuidados físicos, afeto, atenção, proteção, compreensão e regras.

A forma como a criança constrói as referências que utilizará no futuro para se relacionar socialmente está baseada nas relações que vivencia e observa em seu lar. Nesta perspectiva uma boa relação entre mãe (ou quem se responsabilize pelos cuidados) e o bebê, se estendendo, posteriormente, aos pais, irmãos e demais familiares, é imprescindível, pois possibilitará o desenvolvimento emocional e oferecerá a base para o aparecimento e desenvolvimento da consciência e da construção de uma personalidade vinculada à continuidade de ser, de existir, formando pessoas integradas, inteiras, do ponto de vista emocional (WINNICOTT, 1992).

Uma criança, por exemplo, que contava com uma mãe *suficientemente boa*[1] ou *mãe-ambiente* conforme Winnicott (2005), mas que por algum motivo foi privada dessa mãe, pode vir a desenvolver a tendência antissocial (exatamente o ocorrido após a guerra). Tal processo, denominado *deprivação propriamente dita*, é marcado pela perda de algo bom que a criança contou até certo ponto de seu desenvolvimento. Enquanto a *privação* ocorre antes do bebê conseguir perceber a diferença entre EU e o não EU, ou seja, antes de perceber o que é parte de si mesmo e o que pertence ao mundo externo, a deprivação ocorre quando a criança já percebe os objetos do mundo como externos. Neste caso a criança já consegue ter uma percepção de que houve um problema em seu entorno, o que a leva a tentar reconstituir a situação anterior à deprivação, de maneira inconsciente.

Quando se fala sobre agressividade há uma variedade de situações. No caso de serem observados comportamentos agressivos aparentemente destoantes com a faixa etária da educação infantil, não é o caso, ainda, de se afirmar que a criança “é agressiva”, porém, está apresentando conduta que pode levá-la, aos sete ou oito anos, à tendência antissocial, por exemplo, que caracterizaria uma criança “agressiva”.

Para Winnicott (2005) a tendência antissocial[2] ainda não é um diagnóstico, mas uma

---

1. Termo utilizado por Winnicott ao longo de sua obra para designar a presença de uma mãe (ou representante) que cuide do bebê de forma a atender suas necessidades físicas e emocionais.

2. Estado de agravamento da agressividade comum, evidenciado por excessivo impulso agressivo (verbal e físico), xingamentos, mentiras, roubos, fugas da escola, tendência a incendiar a objetos e a casa, fuga da escola, enurese noturna, falta de apetite, mentiras.

forma que a criança utiliza para mobilizar alguém para cuidar dela, assumindo o controle da situação. Ela pode voltar a ter a estabilidade dos cuidados externos se houver uma experiência contínua com pessoas que lhes sejam cuidadosas e lhes apresentem regras por um período prolongado de tempo. A agressividade na criança, nesta perspectiva, pode ser tomada como uma resposta apresentada por esta quando se verifica uma dificuldade em seu desenvolvimento emocional.

A criança tida como agressiva apresenta, quase sempre, as seguintes características: vão contra as regras sociais (em casa, na escola, outros locais), apresentam baixa tolerância à frustração, têm explosões de raiva frequentes, desobedecem aos pais, possuem dificuldades nas interações sociais, às vezes insucesso escolar, agride os colegas, os pais, os professores. Em geral são evitadas pelas outras crianças por medo, o que aumenta ainda mais o seu mal estar e pode levar à sua exclusão social.

Na tendência antissocial a criança já não aparenta sofrimento psíquico ou constrangimento com suas próprias atitudes e não se importa em ferir as pessoas ou desrespeitá-las. Frequentemente incomoda, ameaça ou intimida os outros, inicia lutas corporais, ataca fisicamente as pessoas, mente, furta objetos, falta à escola, não permanece na sala de aula, pratica pequenos atos de vandalismo, dentre outros citados por Winnicott (2005).

Conforme Winnicott (2005) os professores frequentemente são obrigados a lidar com os impulsos agressivos de seus alunos, sejam estes latentes ou manifestos. Porém, adverte que o comportamento agressivo de crianças que buscam chamar a atenção de um professor nunca é uma questão exclusiva de emergência de impulsos agressivos primitivos ou apenas para que o professor olhe para elas - interpretação do senso comum para as crianças que “apenas querem chamar a atenção”. Essas crianças querem/precisam não apenas serem vistas, mas, auxiliadas, orientadas, acolhidas.

Por isso é que a criança, em suas explosões de raiva, frequentemente o faz diante de pessoas nas quais confia. Isto ocorre porque a agressividade manifestada pela criança constitui um pedido de socorro; é uma forma de comunicar a dificuldade que está sentindo em gerenciar seus impulsos agressivos para que alguém a ajude a retomar o controle.

Winnicott (1982) cita que o professor é sempre muito visado nas investidas da criança, pois, somente poderá ser auxiliada por alguém que se mostre realmente preocupada com ela. A criança só emprega os comportamentos tidos como agressivos se ainda possuir um sentimento de esperança no reestabelecimento de estabilidade afetiva que acredita ser necessária para retomar seu desenvolvimento emocional.

Devido à proximidade e período de convivência dos professores com as crianças, é possível a estes auxiliá-las em seus conflitos e possibilitar que encontrem na escola uma situação de segurança que permita o reestabelecimento do desenvolvimento emocional saudável, que se perdeu ou foi interrompido em algum estágio anterior por alguma(s) ocorrência(s).

Quando a criança “furta” objetos, tanto em sala de aula quanto em outros espaços, por exemplo, procura restabelecer aquilo que acredita ter perdido, isto é, o amor materno e o controle paterno. Segundo Winnicott (2005):

> Quando uma criança rouba açúcar, ela está procurando a boa mãe, de quem

> ela tem o direito de tirar toda a doçura que houver. De fato, essa doçura é a da própria criança, pois ela inventou a mãe e a doçura desta a partir de sua própria capacidade para amar, a partir de sua própria criatividade primária, seja ela qual for. Também procura o pai, se assim podemos dizer, que protegerá a mãe de seus ataques contra ela, ataques realizados no exercício de amor primitivo. Quando uma criança rouba fora de casa, ainda está procurando a mãe, mas procura a com maior sentimento de frustração e necessitando cada vez mais encontrar, ao mesmo tempo, a autoridade paterna que pode pôr limite ao efeito concreto de seu comportamento impulsivo e à atuação das ideias que lhe ocorrem quando está excitada (WINNICOTT, 2005, p 131).

Por muitas vezes as crianças em geral, sobretudo as que estão às voltas com significativos conflitos emocionais, levam para suas casas pequenos objetos que pegam às escondidas da sala de aula ou do professor: pecinhas de jogos, um braço de um boneco, o lápis do professor ou a tampa de sua caneta. Quando realizam este movimento intencionam levar consigo uma parte de uma boa experiência externa, que as farão bem quando estiverem longe da escola, assim como uma criança que leva pequenos brinquedos, pelúcias ou cobertores para a escola. Esses materiais servem de apoio emocional às crianças, assim como os objetos transicionais descritos por Winnicott (1982).

A esperança e o impulso que levam a criança a buscar o estado de coisas que existia antes da deprivação, são características de fundamental importância e, para que o auxílio à ela seja possível, precisam ser reconhecidas pelo ambiente. Se os sinais não forem compreendidos ou desperdiçados a criança não terá condições de retomar o seu amadurecimento: “O tratamento da tendência antisocial não é psicanálise, mas administração, uma conduta no sentido do ir ao encontro do momento de esperança e corresponder a ele”. (WINNICOTT, 2005, p. 139).

Deve-se ter um olhar atento sobre as crianças antissociais, pois a partir daí, a criança tenderá a desenvolver a delinquência, buscando em instâncias fora da escola, como a força de segurança pública, a sua contenção. Segundo Winnicott (2005) uma criança tem maiores chances de ser ajudada aos seis ou sete anos do que aos dez ou onze, por isso a necessidade de que sejam trabalhadas a partir do momento em que algumas características comecem por se apresentarem exageradas para a faixa etária da educação infantil.

As crianças começam a lidar muito cedo com a agressividade e dependem, para alcançar uma organização interna que as permitam dominar a própria destrutividade, de um ambiente acolhedor, que as auxiliem na superação dos estágios iniciais em que não conseguem, ainda, organizar seus impulsos destrutivos. As crianças precisam de afeto e orientação, sobretudo porque estão ingressando na escola em idade cada vez mais precoce e, em geral, passando longo tempo neste espaço.

O tratamento da tendência antissocial é o manejo, o corresponder aos momentos de esperança da criança. O quanto antes isso acontecer, mais crianças poderão ser auxiliadas em seu desenvolvimento emocional, por isso a relevância da formação inicial e continuada de professores sobre o assunto.

Quanto às crianças com fortes características de timidez, a entrada na educação infantil marca um momento em que poderia haver um expressivo alargamento das relações sociais, em que as experiências decorrentes seriam muito enriquecedoras às crianças.

No entanto, nem sempre elas conseguem se beneficiar efetivamente destas experiências, tendo em vista o fato de apresentarem condutas que mais as isolam do que as aproximam do grupo.

Winnicott (1982) associa a timidez a contextos em que haja na criança sentimento de rejeição, insegurança, ansiedade, angústias (medo de não ser amada, de não ser atendida em suas necessidades, de não poder contar com alguém, dentre outros). A criança tímida terá impulsos agressivos e raiva, porém, estes serão associados às condições dos relacionamentos que tem ou que fantasia ter, não sendo direcionados à outras crianças na escola, por exemplo. A criança que manifesta a agressividade o faz para se livrar da angústia e tensão; a criança tímida tende a esconder e a temer o grau de sua agressividade e, em geral, sente culpa pela raiva que sente.

Essas crianças, segundo Falcone (2000), são nervosas e inibidas em novas situações, tendo medo. Costumam apresentar sudorese, tremor, rubor, diarreia, temem a exposição, têm medo de serem foco de atenção, têm dificuldade em fazer amizades, falam pouco, a voz é baixa e se isolam socialmente. Uma característica bastante comum é permanecerem solitárias, até mesmo na hora do intervalo escolar.

Falcone (2000) cita a superproteção como um dos fatores ligados à inibição social, já que pode gerar nas crianças sentimentos de insegurança, fazendo com que se sintam com pouca autoconfiança. Além disso a comparação de um filho com o outro ou entre colegas e primos, exigência exagerada e pais restritivos também estão associados à timidez. Mondin (2005, p. 134) acrescenta que:

> O pai restritivo preocupa-se em manter o filho sob seus olhos o tempo todo ou, quando a criança é muito nova, coloca-a em um cercado grande durante parte do dia, para que ela não desorganize a casa. Esse tipo de pai usa habitualmente uma linguagem de caráter imperativo como 'Venha cá' ou 'Faça o que eu digo'. Provavelmente as regras são substituídas pelo poder e autoridade e seus filhos possivelmente serão obedientes, pouco agressivos e tímidos, com dificuldades de relacionamento com seus pares.

Por conta de suas características, as crianças evitam situações que lhes causem desconforto e não expressam suas opiniões. Quando se comunicam o fazem através de gestos e/ou monossílabos, com um grupo pequeno de colegas, com o qual possui um contato maior. A timidez, nesta fase, não constitui doença e é encontrada em muitas crianças, porém, há casos nos quais esta já toma proporções que as comprometem. Barros Neto (2006) cita que a fobia social é um transtorno que se inicia na infância ou adolescência, tem evolução crônica e tende a não remitir espontaneamente. Já para Motta Filho (1969) a timidez pode levar a criança a ter ansiedade social ou fobia social em um futuro próximo.

A timidez está presente em cerca de 13% da população brasileira, o que corresponde a mais de 22 bilhões de pessoas. Dessas pessoas, cerca de 5 milhões apresentam um quadro de fobia social, que impede o indivíduo de se relacionar com outras pessoas, de trabalhar e de se divertir. Como as crianças tímidas, em geral, não chamam muito à atenção na escola, estas crescem com estas dificuldades, que podem se agravar com a idade.

Por isso a necessidade de que estes fatos sejam observados e trabalhados precocemente. A escola possui importância fundamental neste processo, pois constitui espaço no qual as crianças passam a maior parte de seu tempo e profissionais

comprometidos com seu desenvolvimento.

METODOLOGIA DO PROJETO

PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa cinco crianças entre seis e sete anos de idade: três com manifestações agressivas e duas com significativas características de timidez. Além das crianças, participaram, também, seus respectivos pais, duas gestoras e os professores da educação infantil e 1º ano de uma escola púbica do interior de São Paulo, totalizando 35 pessoas. As crianças foram indicadas a participar do projeto por possuírem excessivas características de agressividade e timidez para a faixa etária, o que estava dificultando muito as interações sociais em sala de aula.

PROCEDIMENTO

O trabalho foi desenvolvido com base na pesquisa qualitativa, de tipo estudo de caso, em contribuição com a psicanálise infantil, especialmente a teoria winnicottiana. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas com pais e professores e de atividades lúdicas com as crianças. O brincar foi utilizado com finalidade dupla no trabalho, isto é, tanto como instrumento de coleta de dados - já que não seria suficiente se ater somente aos conteúdos provindos de entrevistas - quanto como forma de intervenção, possibilitando a criação de um espaço de possível expressão e elaboração de conflitos emocionais pelas crianças - conflitos estes que possivelmente estariam influenciando em suas dificuldades de relacionamento.

Para autores como Aberastury (1992) e Winnicott (1982), o brincar constitui atividade muito importante à vida das crianças. A opção pelo brincar, na pesquisa, se deu por dois fatores: primeiro, por se tratar de crianças, o brincar é algo que está integralmente relacionado com a sua vivência diária, que ocorre a qualquer momento, com qualquer objeto e em qualquer situação; o segundo fator é que, de acordo com as teorias estudadas sobre o brincar, este é um momento em que a criança aponta seus medos, suas fant asias e r epresenta aquilo que não consegue expressar com palavras:

> Ao brincar, a criança desloca para o exterior seus medos, angústias e problemas internos, dominando-os por meio da ação. Repete no brinquedo todas as situações excessivas para seu ego fraco e isto lhe permite, devido ao domínio sobre os objetos externos a seu alcance, tornar ativo aquilo que sofreu passivamente, modificar um final que lhe foi penoso, tolerar papéis e situações que seriam proibidas na vida real tanto interna como externamente e também repetir à vontade situações prazerosas. (ABERASTURY, 1992, p. 15)

A brincadeira é a maneira que as crianças encontram, também, para comunicar seus impulsos agressivos, pois não há um retorno negativo do meio. Isto possibilita que lide de modo criativo com a realidade externa, elaborando situações que lhe foram traumatizantes. O brincar auxilia no trabalho com a agressividade e a destrutividade da criança, pois, neste contexto, um objeto pode ser destruído e restaurado, “morto” e trazido de volta, sujo e limpo, o que favorece a conquista da ambivalência.

Isto é possível porque, de acordo com Winnicott (1975), a área em que acontece a brincadeira, para a criança, está entre a realidade psíquica e o mundo externo; ela traz à

brincadeira objetos que são de sua realidade externa, relacionando-os a algo que deriva da realidade interna ou pessoal. No brincar ela manipula fenômenos externos a serviço de suas fantasias e a estes fenômenos escolhidos atribui significados e sentimentos, nos permitindo conhecer o seu presente e passado.

> Por meio da atividade lúdica, a criança expressa seus conflitos e, deste modo, podemos reconstruir o seu passado, assim como no adulto fazemo-lo através das palavras. Esta é uma prova convincente de que o brinquedo é uma forma de expressar os conflitos passados e presentes. (ABERASTURY, 1992, p. 17)

As brincadeiras, no âmbito da pesquisa, foram espontâneas para que, na expressão dos conflitos, as crianças tivessem a possibilidade de mostrar como estes se refletiam em seu cotidiano escolar, principalmente no que se referia a problemas de relacionamento com seus colegas e professores.

Quanto à intervenção com as crianças, as estagiárias realizaram os encontros lúdicos com estas de maneira individual, na brinquedoteca escolar, semanalmente. Durante tais encontros, com duração aproximada de 50 minutos cada, as crianças tiveram à sua disposição caixas com brinquedos diversos selecionados conforme a faixa etária, papel, lápis de cor e livros de histórias infantis, conforme orienta Aberastury (1982).

As estagiárias ofereceram às crianças a possibilidade de estabelecerem um vínculo afetivo positivo e agradável, direcionando um olhar sensibilizado ao brincar de cada uma,de forma a lhes oferecerem condições para terem contato com seus sentimentos. Esse tipo de atitudes empáticas proporcionam benefícios diretos ao psiquismo da criança, pois esta sente que possui um espaço só para si, com a atenção de uma pessoa especialmente para ela, não sofrendo julgamentos.

As crianças tiveram liberdade de brincar com os brinquedos e da forma que desejaram, para que se sentissem confiantes em expor seus sentimentos e angústias, repetindo, sempre que achassem necessário, alguma brincadeira:

> O brinquedo possui muitas das características dos objetos reais, mas, pelo seu tamanho, pelo fato de que a criança exerce domínio sobre ele, pois o adulto outorga-lhe a qualidade de algo próprio e permitido, transforma-se no instrumento para o domínio de situações penosas, difíceis, traumáticas, que se engendram na relação com os objetos reais. Além disso, o brinquedo é substituível e permite que a criança repita, à vontade, situações prazenteiras e dolorosas que, entretanto, ela por si mesma não pode reproduzir no mundo real. (ABERASTURY, 1992 p. 15)

Winnicott (2005) afirma que a atividade lúdica, além de possibilitar a expressão e elaboração de conflitos, resulta em efeito terapêutico sem uma atividade terapêutica em sentido estrito. A atenção e disponibilidade das estagiárias enquanto acompanham as brincadeiras das crianças, favorecem este efeito terapêutico.

Com isso o autor amplia a concepção sobre o brincar e os seus benefícios sobre as crianças e aproxima a educação (em seu aspecto lúdico) da psicanálise. Neste contexto o brincar pode ser utilizado pelo professor como meio para melhor compreender o desenvolvimento emocional dos alunos, reconhecer sua necessidades afetivas e auxilia-los em suas expressões de agressividade ou timidez.

As crianças que possuem dificuldades de relacionamento necessitam de suporte emocional, espaços para brincarem livremente, expressarem angústias e a presença de alguém que esteja à disposição ao que elas desejam comunicar enquanto brincam, ajudando-as a entender seus sentimentos. Winnicott (1975) cita que algumas crianças que apresentam dificuldades no desenvolvimento emocional não conseguem brincar e tal fato é preocupante, tendo em conta que o brincar expressa o próprio viver e a saúde:

> Em outros termos, é a brincadeira que é universal e que é própria da saúde; o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros. (WINNICOTT, 1975, p. 63)

Winnicott (1982) ainda ao descrever a importância do brincar para a criança, ressalta o quanto é difícil para as pessoas perceberem como as crianças expressam sentimentos que lhe causam angústia através dos brinquedos: “[...] é difícil para as pessoas verem que as crianças brincam para dominar angústias, controlar ideias ou impulsos que conduzem à angústia se não forem dominados.” (WINNICOTT, 1982, p. 162)

Por este motivo o brincar não possui o devido espaço e reconhecimento nas escolas e, em geral, é utilizado para preencher lacunas nos horários. Este projeto, nesta perspectiva, valoriza e propicia à criança momentos de intervenção lúdica, de forma que possa se beneficiar de seus efeitos a partir da externalização e possível elaboração de angústias que podem ou não ser decorrentes de sua vivência escolar (ou estarem associadas aos dois ambientes - lar e escola) e que estejam interferindo na qualidade de seus relacionamentos, buscando promover uma melhoria nos processos interacionais.

Após cada encontro lúdico as estagiárias realizavam os registros dos dados obtidos em um site. Tais registros eram acessados pela coordenadora do projeto e utilizados para a elaboração das reuniões de orientação. Os dados obtidos foram analisados com base na teoria psicanalítica, mediante a escolha dos brinquedos pelas crianças, a forma como os manuseavam, suas histórias de vida e, também, suas verbalizações enquanto brincavam. Por fim, tais dados foram cotejados com as informações obtidas nas entrevistas.

Com relação aos pais cujos filhos foram indicados pela coordenação pedagógica da escola para a participação no projeto, estes foram consultados e esclarecidos a respeito dos objetivos almejados, tendo liberdade de permitirem a participação ou não das crianças. Os pais e também os professores que aceitaram participar do projeto, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido[1].

O trabalho com os professores foi realizado em reuniões bimestrais, no período noturno, durante o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo e com os pais, no período da manhã. Quanto às estagiárias, estas participaram de reuniões de Grupo de estudo com a coordenadora do projeto e em reuniões individuais, nas quais cada caso foi discutido e analisado. No momento em que foram constatados resultados parciais, as estagiárias foram estimuladas a participarem de eventos científicos, para a divulgação dos resultados obtidos.

Delineados os participantes e a metodologia, a seguir, será apresentado o desenvolvimento do projeto, destacando-se os resultados obtidos.

1. Comitê de Ética em Pesquisa - Processo nº 045860/2014.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO E RESULTADOS

O projeto foi desenvolvido em uma escola municipal localizada no interior de São Paulo. A escola possui 34 funcionários, atendendo a 39 alunos matriculados na pré-escola, 235 alunos nos anos iniciais (1º ao 5º ano) e 10 alunos na Educação Especial.

O processo foi iniciado com a solicitação de autorização à Secretaria de Educação do município, o que envolveu algumas reuniões e elaboração de documentação específica. Após a autorização deste órgão ser concedida, iniciaram-se as atividades do Grupo de estudo, cujo objetivo era o de preparar as estagiárias, teoricamente, para a participação no projeto. Durante os encontros quinzenais desse grupo, houve leitura, apresentação e discussão de textos referentes ao desenvolvimento emocional infantil, agressividade, timidez e metodologia de pesquisa com crianças.

Figura 1- Encontro do Grupo de estudos

Fonte: arquivo pessoal

No total, foram realizados 24 encontros, com a participação de alunos da universidade, estagiários e de uma professora da escola envolvida no projeto.[1] Ainda no início das atividades do Grupo de estudo o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa. Este processo também envolveu ampla documentação e algumas reuniões, até o projeto ser aprovado.

Como não era possível iniciar a coleta de dados do projeto antes da aprovação do Comitê de Ética, os gestores escolares só foram contatados após esta etapa. Em um

1. A Professora Márcia se interessou pelas atividades do grupo e, mesmo com dificuldades de horário, se organizou para participar. Atuou intensamente durante as discussões e leituras de textos, enriquecendo, com sua prática, as discussões do grupo.

primeiro momento o projeto foi apresentado à coordenadora pedagógica, que repassou as informações à diretora, professores e pais. Após o aceite de todas as instâncias, a coordenadora do projeto passou a realizar reuniões periódicas com as gestoras, a fim de organizar o trabalho na escola. O espaço da brinquedoteca, a apresentação do projeto de forma pormenorizada aos professores e as entrevistas com pais e professores para a coleta de dados, foram os primeiros assuntos a serem tratados durante as reuniões com os gestores.

As entrevistas com os professores das crianças que participariam do projeto ocorreram durante o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo, e duraram cerca de 40 minutos. Com os cinco pais, as entrevistas foram agendadas pela coordenadora pedagógica. Antes que fossem entrevistados, os pais e professores procederam a leitura e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Concomitantemente às entrevistas, o material do projeto foi organizado pela coordenadora e estagiárias: caixas em polipropileno com brinquedos tradicionais diversos, selecionados de acordo com a faixa etária das crianças, conforme as orientações de Aberastury (1992). Além dos brinquedos, que foram devidamente higienizados, colocamos nas caixas lápis de cor, canetinhas, giz de cera e folhas de papel sulfite, disponibilizando às crianças vários meios para expressarem suas emoções. Os materiais estão apresentados, na íntegra, no quadro abaixo:

BRINQUEDO / MATERIAL	QUANTIDADE/ CARACTERÍSTICAS
Espada	2
Escudo	2
Bebê com carrinho de mão e mamadeira	1
Sacola de blocos lógicos	1
Coroa	1
Jogo de instrumentos de médico	1
Bolsa	1
Moto	1
Carrinho	2
Boneca de pano	1
Panelinhas com tampa	3
Prato	2
Xícara	2
Copo	2
Faca	2
Garfo	2
Colher	2
Serrote	1
Aquarela e pincel	1jogo
Caminhão	1 (com 6 bois)
Caixa com ferramentas	1

Homem de ferro	1 (boneco)
Policial	1 (boneco)
Batman	1 (boneco)
Homem amarelo	1 (boneco)
Lápis de escrever	5
Apontador	2
Carrinho de ferro	2
Jipe	1
Óculos	2
Bolha de sabão	1
Torta	1
Barbie	1
Lápis de cor	2 caixas
Borracha	2
Régua	1
Papel sulfite	1 resma
Porta lápis	1
Canetinha	12
Giz de cera	1 caixa
Jogo da feirinha	1

Quadro 1 - Listagem de brinquedos que compuseram as caixas

Fonte: arquivo pessoal

Com o material de trabalho organizado e incorporado à brinquedoteca escolar, os encontros lúdicos com as crianças foram agendados. Apesar de termos levado nosso material, as crianças também poderiam utilizar os brinquedos da brinquedoteca da escola, caso quisessem. Duas semanas antes do início dos encontros lúdicos, as estagiárias participaram das aulas, para que já iniciassem um contato com as crianças e observassem suas dificuldades de relacionamento.

Nos horários agendados, as estagiárias chegavam à escola, se dirigiam às salas de aula e convidavam as crianças para as acompanharem até a brinquedoteca. As crianças, que já tinham ciência da atividade por intermédio dos pais e professores, se levantavam, pegavam nas mãos das estagiárias e se dirigiam até a brinquedoteca: algumas meio desconfiadas no início e outras pulando e cantando pelo caminho.

A organização dos encontros lúdicos, pode ser observada no quadro a seguir:

CRIANÇA***	SALA	PROFESSOR	ESTAGIÁRIA	DIA	HORÁRIO
Aline **	Pré II	Nahiara	Fernanda	Segunda-feira	08h00 – 08h50
Carlos*	1°A	Andreia	Eliane	Quinta-feira	13h00 – 13h50
Fernanda**	Pré I	Joelma	Helen	Segunda-feira	08h55 – 09h45
Ian*	Pré II	Nahiara	Eliane	Quinta-feira	9h00 – 9h50
Leandro*	Pré I	Joelma	Viviane	Quinta-feira	08h00 – 08h50

Quadro 2 - Organização dos encontros lúdicos

* Crianças que participaram do projeto pela questão da agressividade.

** Crianças que participaram pela questão da timidez.

*** Nomes fictícios

Fonte: arquivo pessoal

Os encontros lúdicos ocorreram no segundo semestre de 2018 e primeiro semestre de 2019, excluindo-se os meses de janeiro e dezembro. No total, foram 72 encontros, envolvendo as cinco crianças. Abaixo apresenta-se uma listagem dos encontros, por criança.

ESTAGIÁRIO	CRIANÇA/IDADE	DATAS DOS ENCONTROS	NÚMERO DE ENCONTROS
Fernanda	Aline - 7 anos	24/09/2018; 01/10/2018 08/10/2018; 15/10/2018 22/10/2018; 29/10/2018 05/11/2018; 2/11/2018	8
Viviane	Leandro - 6 anos	05/09/2018; 06/09/2018 20/09/2018; 27/09/2018 04/10/2018; 18/10/2018 25/10/2018; 01/11/2018 22/11/2018; 26/11/2018 06/12/2018;15/03/2019 22/03/2019;29/03/2019 05/04/2019;12/04/2019 26/04/2019;03/05/2019 17/05/2019;24/05/2019	20
Eliane	Ian - 7 anos	10/09/2018;17/09/2018 24/09/2018; 1/10/2018 08/10/2018;22/10/2018 05/11/2018;10/12/2018 11/03/2019;18/03/2019 25/03/2019;1/04/2019 08/04/2019; 15/04/2019	14

Eliane	Carlos - 6 anos	11/09/2018; 27/09/2018 11/10/2018; 25/10/2018 01/11/2018; 22/11/2018 29/11/2018; 06/12/2018 12/03/2019; 18/03/2019 25/03/2019	11
Helen	Fernanda - 6 anos	05/09/2018; 06/09/2018 17/09/2018; 24/09/2018 01/10/2018; 08/10/2018 15/10/2018; 22/10/2018 29/10/2018; 05/11/2018 12/11/2018; 29/11/2018 03/12/2018; 13/03/2019 19/03/2019; 26/03/2019 02/04/2019; 19/04/2019 23/04/2019	19
TOTAL 72			

Quadro 3 - Listagem dos encontros, por criança.

Fonte: arquivo pessoal

Para que fique claro o processo da intervenção, serão apresentados os relatos das observações e dos encontros lúdicos produzidos por duas estagiárias, uma que trabalhou com a agressividade e outra que trabalhou com a timidez, inseridos no site do projeto, para que o leitor tenha uma ideia das atividades que ocorrem durante esse momento. É importante ressaltar que todas as crianças atendidas viviam em situação de vulnerabilidade social e suas famílias enfrentavam vários tipos de dificuldades, entre estas, financeiras e emocionais: a criança 1 vivia em um ambiente em que a agressividade era algo muito comum e a criança 2 acabara de adentrar um orfanato. Porém, antes disso, serão apresentados dados referentes às observações realizadas pelas estagiárias em sala de aula, para que haja uma breve contextualização de cada caso, no que se refere aos comportamentos dessas crianças.

CASO 1 - LEANDRO - 6 ANOS - AGRESSIVIDADE
ESTAGIÁRIA: VIVIANE

RELATOS DA OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA[2]
1° DIA - 05/09/2018

Enquanto algumas crianças se aproximam de mim durante a aula e começam a conversar/interagir, o garoto permaneceu em seu lugar, mas, percebo que fica me olhando. No momento da roda a criança presta bastante atenção, em princípio sem conflitos. No decorrer da aula, várias vezes, me deparo com Leandro me olhando.

Em determinado momento, o garoto senta no lugar que o amigo estava ocupando na roda, mas que, nesse momento, estava fora do seu assento. Frente a isso, a professora pede para ele voltar a se sentar no seu lugar. Ele atende ao pedido da professora, sem contesta-la, mas começa a fazer brincadeiras na roda, como por exemplo, se jogando no

2. Relato produzido pela estagiária Viviane.

chão. Durante a contação de história, a criança permanece quieta e atenta.

No final da roda, Leandro começa a “brincar” de luta com seu colega, empurrando-o, dando socos (ataques físicos) e, também, atirando a blusa em seu par. Na sequência, começa a correr pela sala, mas para diante do pedido da professora. Sempre que a professora o chama, ele atende ao pedido dela.

Em seguida, a criança se envolve em um conflito com um de seus pares, resultando em ataque físico de ambas as partes, mas quem começa essa situação foi a outra criança. Leandro pega a maleta literária e, sem querer, a derruba no chão. A professora diz que para ele que não tem problema, é só ele pegar o que caiu no chão.

Em um dado momento da aula, a professora pede para outra criança lhe ajudar a contar quantas crianças há na sala. Leandro se manifesta, informando à professora que ele quer lhe ajudar também, mas a docente explica que hoje já estava escalada outra criança e garantiu que amanhã seria a vez dele. Então, o garoto respondeu: - Que bosta! Idiota!

Leandro continua a trocar olhares comigo, porém não se aproxima. Durante o intervalo, se comporta sem manifestar agressividade. Logo após, no momento dos brinquedos em sala, a criança começa brincando com carrinhos. Posteriormente, brinca com as demais crianças, interagindo, compartilhando os brinquedos. Permanece trocando olhares comigo. Lucas presencia um colega derrubando o outro no chão. Diante disso, pede para o colega que está no chão bater no garoto que o derrubou.

Em seguida, opta por brincar com peças de Lego, fazendo uma “arma” com as peças. A professora, ao ver esse “faz de conta” com armas, pede para ele parar e escolher outra brincadeira. Lucas senta junto com as garotas da sala para montar um castelo, a partir das peças disponíveis.

Segundo relatos da estagiária da sala, o garoto hoje encontra-se calmo, talvez devido à minha presença na sala. Geralmente, ele costuma bater nos amigos com e/ou sem motivos, inclusive na segunda-feira enquanto sua colega de sala estava bebendo água no bebedouro, ele se aproximou e empurrou sua cabeça contra a torneira. Ainda, ela relatou que a criança xinga muito.

2º DIA - 06/09/2018

No início da aula, a criança se impõe na tentativa de pegar o livro da história a ser lida no dia de hoje da mão da colega. No momento da roda de conversa, um colega chega atrasado na roda e, ao se aproximar, Leandro bate nele. Frente a isso, a docente interroga o garoto sobre o porquê fez isso e explica que para termos amigos é preciso respeitá-los.

Ainda na roda, o garoto pega duas vezes nas nádegas de uma menina que está próxima dele, por meio de um gesto de pinça. Em seguida, repete a mesma ação nas nádegas de seu colega. Ainda, provoca um amigo tentando relar seus pés no dele, logo começa a gritar durante a roda.

Percebe-se que, durante a contação de história a criança fica quieta, atenta/concentrada. Abraça a professora em determinado momento da roda de conversa. Troca poucos olhares comigo. Novamente torna a gritar, se jogar, rolar e deitar no chão. A estagiária me relatou que na segunda-feira passada o garoto desceu com um de seus

colegas para ir ao banheiro e acabou fazendo xixi nele.

Depois de realizada a roda de conversa, a criança “gruda” no ombro de seu par, começa a empurrá-lo e bate nele. Depois, dá um chute na direção do pênis de seu amigo. Senta-se no seu respectivo lugar. Fica brincando com a cadeira. A professora pede para ele parar e ele atende ao seu pedido. Ela começa a explicar a atividade a ser desenvolvida por eles e ele começa a bater as mãos na carteira, fazendo muito barulho.

No momento da realização da atividade, percebe-se que a criança conversa, canta alto, ou seja, sua concentração diminui. Ainda, nesse momento, sem motivos, dá três socos na mão da criança que está sentada à sua frente. Saiu da sala sem pedir autorização da professora. Volta a provocar novamente a criança que está sentada à sua frente, empurrando as carteiras e, também, tomando a folha de atividade dela.

Posteriormente, durante o momento em que as crianças estavam sentadas no tatame, ele impede que uma de suas colegas se levante, segurando seus pés. Na sequência, começa a chutar o garoto que estava ao seu lado e começa a puxar seu cabelo. Depois, a menina que está sentada atrás de Leandro começa a abraçá-lo, por trás. Ele reage pedindo para ela parar, mas ela não atende ao seu pedido. Então, o garoto dá cotoveladas nela. Ele se levanta do tatame e dá um tapa na nádega de uma garota que estava deitada nas cadeiras.

Durante o intervalo, a criança começa a brincar de pega-pega com um amigo, mas depois de alguns minutos brincando, acaba batendo nele. Depois de retornar do intervalo, no momento do ensaio da turma para apresentação na Mostra pedagógica que acontecerá amanhã, o garoto pega no braço de uma menina e começa a chacoalhar sem parar. Depois, no momento dos brinquedos, o garoto se relaciona bem com seus pares, sem se envolver em conflitos.

Análise inicial

Em conformidade com o objetivo específico 1 do projeto - *identificar e compreender as dificuldades de relacionamento apresentadas pelas crianças, em sala de aula* - com base nas observações apresentadas anteriormente e nas entrevistas com a professora e mãe, foi realizado um mapeamento das dificuldades da criança, apresentado abaixo:

COMPORTAMENTO	MOTIVOS	OBJETIVO CONSCIENTE/ INCONSCIENTE
Xingar	Frustração/Dificuldade com regras e ordens	Liberar tensão/agredir quem o frustrou
Se jogar no chão	Frustração/Dificuldade com regras e ordens	Fazer com que a pessoa que o frustrou volte atrás em sua decisão
Brigar/bater durante brincadeira	Mistura a fantasia com a realidade	Liberar a tensão/atingir a pessoa de quem está com raiva na vida real
Ataques físicos e verbais diversos e estimula os colegas a fazerem o mesmo	Conflitos com os colegas e professora	Resolução de conflitos que ocorrem em sala de aula/manifestar a agressividade
Xingar a professora e as situações	Frustração/Dificuldade com regras e ordens	Manifestar a agressividade/expressar descontentamento

Agredir verbal e fisicamente sem motivos (Bater e dar tapa nas nádegas de meninos e meninas, empurrar, chutar genitais, dar socos, puxar cabelo, chutar as pernas das crianças, chacoalhar os braços das crianças, tomar materiais e atividades, empurrar carteiras em cima das crianças, provocar, bater em quem se aproxima, urinar no colega)	Mistura a fantasia com a realidade/tensão e mal estar/ desejo de destruição/ descontrole da agressividade	Liberar a tensão e o mal estar/realizar o desejo de destruição/chamar à atenção da professora para suas necessidades afetivas e de auxílio no controle da agressividade/pedido de ajuda no mais alto grau
Gritar, cantar alto, bater forte com as mãos na carteira	Necessidades afetivas não satisfeitas /tensão/ perturbação	Perturbar o ambiente/ impossibilitar a realização das atividades de sala, pela professora e pelos alunos/chamar a atenção

Quadro 4 - Mapeamento das dificuldades da criança

Fonte: arquivo pessoal

A seguir, serão apresentados os relatos dos encontros lúdicos, onde o garoto teve um espaço para liberar sua tensão, agressividade e conflitos emocionais, sem causar prejuízos a si e/ou aos outros, além de poder trabalhar seus sentimentos, de forma a minimizar a agressividade em casa e na escola.

RELATOS DOS ENCONTROS LÚDICOS[3]

1° ENCONTRO LÚDICO - 20/09/2018

Inicialmente, assim que a professora diz à criança que ela já poderia ir à sala da brinquedoteca, ela fica muito feliz, mas, ao mesmo tempo, se nega a ir. A professora estimula a criança a ir e ela aceita. No caminho, reafirmo o convite para brincar comigo, ela não me responde, mas, também, não resiste. Chegando à brinquedoteca, apresento-lhes as caixas de brinquedos, explicando que ele poderia pegar o brinquedo que quisesse das caixas, assim como poderia utilizar os brinquedos da própria escola. A criança permanece receosa, sem se comunicar comigo, sem reagir aos meus estímulos. Frente a isso, decido perguntar: V*ocê quer brincar comigo?* Então, o garoto acena com sua cabeça informando que não. Continuo: V*ocê quer brincar sozinho? Pode brincar! E*le acena com a cabeça que sim, logo explico-lhe que, enquanto ele brinca, eu ficaria fazendo minha lição (registro do encontro). É importante mencionar que depois de entrar na brinquedoteca, o aluno ficou em pé, não quis sentar comigo, não trocava olhares, estava resistente em interagir comigo, apesar do tempo que permaneci em sua sala de aula antes do início dos encontros lúdicos.

Passado alguns minutos, o garoto senta-se no chão, perto das caixas, de costas para mim e começa a manusear os livros de forma muito receosa. Manuseou todos os livros presentes nas caixas, folheando cada página, se atentando para as ilustrações. Tento, novamente, me aproximar da criança, perguntando se ela gostaria que eu lhe contasse histórias ou, então, se ela queria contar histórias para mim. Ela acena que não.

3. Relato produzido pela estagiária Viviane.

Figura 3 - Aluno manuseando o livro de costas para a estagiária

Fonte: arquivo pessoal

Continua a manusear os livros e, de repente, fica balançando o livro, se mostra pensativo, mas mantém a cara fechada, sem interagir comigo. Depois, opta por brincar com um trenzinho da sala da brinquedoteca, manuseando-o de um lado para o outro, sem verbalizações. Coloca o trenzinho em cima de um carro maior e continua a movê-los de um lado para o outro.

Em seguida, volta a manusear os livros de histórias, dessa vez, virando de frente para mim. Depois, vasculha os brinquedos das caixas e se interessa pelas tintas. Ele tenta abrir a caixa de tinta, mas não obtém êxito. Predisponho-me a ajudá-lo e ele nega minha ajuda, devolvendo a caixa com as tintas na caixa de brinquedos.

Decide brincar com os carrinhos, retirando-os das caixas e dispondo-os um ao lado do outro no chão. Logo em seguida, os devolve nas caixas e torna a pegar a caixa com as tintas. Percebendo o interesse da criança pelas tintas e sua dificuldade em abrir a caixa, me prontifico, novamente, em abrir para ela e, então, ela aceita. Utiliza as tintas para fazer um desenho na folha de sulfite. De repente, ela para, fica olhando para seu desenho. Devolve as tintas nas caixas e fica me olhando discretamente, mas quando percebe que estou olhando para ela, muda seu olhar rapidamente.

O garoto volta a manusear os livros de histórias. Pergunto a ele se deseja que eu conte-lhe uma história e ele acena com a cabeça que sim. Para introduzir a história, canto: *Batam palmas minha gente, (palmas), batam palmas outra vez (palmas), batam palmas bem contente (palmas), vou contar era uma vez...* Durante a história, a criança se mantém atenta/concentrada e interessada pela história e pelas ilustrações. Ao final da história, pergunto se ela gostou e, então, responde que sim. Ela aponta para outro livro. Eu pergunto se ela quer que eu lhe conte aquela história e ela responde que sim. Com isso, a convido a me ajudar a cantar para introduzir a história. Enquanto eu canto, a criança bate palmas. É importante citar que todos os brinquedos/livros que o garoto retirava das caixas,

os devolvia imediatamente depois que usava.

No momento de encerrar o encontro, informei ao aluno que iríamos voltar para a sala de aula, mas, que na semana que vem, voltaremos a brincar no mesmo dia e horário naquela sala. Ele acena com a cabeça que sim. No caminho até a sala de aula, ele pega em minha mão. A criança iniciou este primeiro encontro com receio, desconfiança, mas ao longo do período foi se soltando um pouquinho.

2º ENCONTRO LÚDICO - 27/09/2018

Assim que cheguei à sala de aula, a professora chamou o aluno para ir comigo até à brinquedoteca. Na presença do aluno, me relata que essa semana *ele está demais, batendo em todo mundo, agredindo os colegas, sendo que ontem mesmo ele mordeu uma criança da sala*. Também, me informa que, no dia da apresentação da Mostra pedagógica (ocorrida no dia 7 deste mês), a mãe do aluno disse que não o aguenta mais em casa, pois está terrível, fazendo muita arte, está impossível. Percebo que, neste momento, a criança fica com a cabeça abaixada, trocando olhares comigo e com a professora. Então, convido-a para ir comigo até à brinqudoteca, a criança fica receosa, não reage, não conversa. A professora a incentiva a ir comigo, mas, mesmo assim, ela permanece com receio. Penso que ele está com medo de alguma coisa. Após algumas tentativas de incentivo meu e da professora, o aluno começa a andar. Tento conversar com ele, mas ele não reage.

Ao chegar à brinquedoteca, o garoto senta-se na primeira cadeira, próximo à porta, de costas para mim; permanece com a cabeça baixa, sem dizer nada e sem me olhar. Novamente, tento interagir com ele, por meio de conversa, convidando-o para brincar, incentivando que ele se aproxime das caixas, mas não obtive êxito. Fico em silêncio. Percebo que ele me olha discretamente, mas quando eu volto meu olhar para ele, rapidamente muda a direção de seu olhar.

Figura 4 - Aluno novamente de costas para a estagiária

Fonte: arquivo pessoal

Na sequência, a criança se levanta e fica observando a ilustração da parede da sala. Com passos lentos, começa a andar em direção às caixas que contém os brinquedos, mas, olhando para baixo. Senta-se ao lado das caixas que contém diversos livros e começa a musea-los com certa inconstância. Mais uma vez tento estabelecer uma interação com a criança, perguntando do que ela estava brincando, porém, ela não responde.

Em seguida, começa a manusear os diversos brinquedos presentes na caixa preta e, então, opta por brincar com os carrinhos, retirando-os da caixa e manuseando-os no chão, de um lado para o outro. Pega a régua de plástico e começa a bater, levemente, na caixa azul, demonstrando estar pensativo. O garoto volta a brincar com os carrinhos, pegando o caminhão e colocando outro carrinho em cima, reproduzindo sons de carros velores e, também, de buzinas.

Figura 5 - Criança explorando os brinquedos

Fonte: arquivo pessoal

Logo, pega o boneco “Batmam”, segura-o pela cabeça e começa a movimentá-lo, saltitando no chão de um lado para o outro e, bem baixinho, diz *“Pai”*, e fica olhando para ele. O aluno se deita no chão e retorna a brincar com os carrinhos, mas sem verbalizações. Passa a organizar todos os carrinhos em fileiras: inicialmente os colocam um ao lado do outro, em linha horizontal; depois, organiza-os em fileira, um atrás do outro. Depois, começa a contar a quantidade de carrinhos que ali estão presentes.

Figura 6 - Garoto brincando com os carrinhos em fileira

Fonte: arquivo pessoal

Próximio de encerrar nosso encontro, pega uma folha de sulfite e a caixa com as tintas, tenta abrí-la, mas não consegue. Frente a isso, fico observando se ele pedirá minha ajuda, mas não o faz. Assim, pergunto para ele se quer que eu lhe ajude a abrir, porém, me ignora, não respondendo à pergunta.

Faltando poucos minutos para encerrar o encontro de hoje, informo à ele que estava finalizando nosso horário, mas reitero que na semana que vem, no mesmo dia e horário, voltaremos a brincar naquele local. Solicito a ele que me ajude a guardar os brinquedos nas caixas e ele atende ao meu pedido.

No retorno para a sala de aula, a criança não me espera e sai andando na minha frente, chegando na sala de aula primeiro. Assim como no primeiro encontro, inicia a atividade com desconfiança, passando por alguns momentos mais espontâneos.

3º ENCONTRO LÚDICO – 04/10/2018

Ao chegar à sala, a professora avisa para Lucas que eu havia chegado para leva-lo até a brinquedoteca e brincarmos juntos. O garoto permanece sentado, acenando com a cabeça que não. A partir disso, a docente começa incentiva-lo a ir comigo, mas ele se nega. Após várias tentativas frustradas, a professora convida uma colega para ir com ele até a brinquedoteca; assim, ele aceita o convite. Chegando à brinquedoteca, a colega volta para a sala e Leandro permanece comigo. Parece estar com receio.

A criança senta-se no chão, perto das caixas que havia disponibilizado, mas de costas para mim. Aos poucos, começa a manusear todos os livros presentes nas caixas, sendo que o primeiro foi o livro Branca de Neve. Na tentativa de estabelecer um diálogo com o garoto, pergunto se ele gostaria de me contar a história, ou, então, se desejava que eu lhe contasse. Ele não me responde, continua com a cara fechada e devolve todos os

livros nas respectivas caixas em que estavam guardados.

Posteriormente, passa a manusear os objetos contidos nas caixas preta e branca. Interessa-se pelo jogo da feirinha, passa a manuseá-lo, mas seu interesse pelo brinquedo acaba. Em seguida, pega uma folha de sulfite e a caixa de tinta para desenhar. Começa a procurar o pincel, mas não o encontra em nenhuma das caixas. Frente a isso, passa a pegar os objetos com certa agressão. Novamente, me predisponho a estabelecer um diálogo com o aluno e, então, pergunto se ele quer minha ajuda para encontrar o pincel. Ele me olha, mas não responde. Começo a buscar nas caixas o pincel, mas também não o encontro. Não encontrando o pincel, ofereço para ele lápis de cor, ele não aceita; então, ofereço o giz de cera e ele aceita. Coloriu a folha de sulfite com o giz de cera. Aqui, o menino demonstrou certa agressividade diante de uma frustração, porém, já conseguiu aceitar minha ajuda e pôde aceitar algo que ofereci. Momento importante de nossa intervenção, diante da presença de receio nas interações sociais por parte dele.

Depois, a criança decide brincar com o barco (brinquedo da escola), encaixando e desencaixando todas as peças dele. Também, coloca o boneco (brinquedo do próprio barco) no alto e passa a mover o barco, suavemente, de um lado para o outro. De repente, o garoto diz: “Terra à vista” e continua a brincar com o barco.

Figura 7 - Garoto brincando com o barco

Fonte: arquivo pessoal

Por último, a criança decide brincar com os carrinhos da escola, organizando-os em fileiras para apostar corrida, ou seja, verificar qual o carrinho chegaria mais rápido ao outro lado da sala, mas sem verbalizações. No momento de retornar para a sala de aula, o garoto não me espera, mesmo eu dizendo para ele para me esperar.

11/10/2018 – Não houve encontro lúdico nessa data, devido à comemoração do Dia

das crianças.

4º ENCONTRO LÚDICO – 18/10/2018

Ao chegar à sala de aula para fazer o convite para brincar, a criança me olha e abaixa a cabeça. A professora se aproxima dela para reiterar o convite, mas a criança não aceita. Fica balançando a cabeça, se negando a sair da sala para vir comigo até à brinquedoteca. Frente a isso, a professora me pergunta se eu não posso realizar as atividades com o garoto na própria sala de aula, com a presença dos colegas. Explico a ela que o intuito do projeto é realizar o brincar de forma individualizada, para que a criança tenha atenção aos brinquedos e brincadeiras que realiza.

Ao me despedir da professora, tentei novamente convidá-lo para brincar. Ele não me respondeu, mas deu as mãos para uma colega e foi até à brinquedoteca. Aqui, o garoto já conseguiu se mobilizar para a atividade, mesmo com receio, usando o apoio de uma colega de sala. Ele ainda não verbaliza, mas já consegue empregar instrumento para enfrentar esse medo, pois já percebeu que a brinquedoteca é um lugar bom. Chegando lá, a colega retornou para a sala de aula e o garoto ficou comigo. Peguei as caixas e as disponibilizei no chão. Diante das caixas, o aluno senta de costas para mim e começa a manusear os objetos das caixas. Inicialmente, retira a caixa da feirinha, mas imediatamente a guarda. Na sequência, opta em manusear os livros.

Tento estabelecer contato com o garoto, perguntando se ele deseja que eu lhe conte a história. Ele acena com a cabeça que sim. Então, sento no chão de frente com ele e começo a contar a história O Patinho Feio. Ao acabar de ler essa história, ele me entrega o livro Cachinhos Dourados*.* Durante a leitura, percebo que a criança se mantém concentrada.

Faltando poucos minutos para encerrarmos o encontro, aviso à criança que na semana que vem voltaremos a brincar nesse mesmo dia e mesmo local. Sem que eu solicitasse, ela guarda os livros nas caixas e se desloca até a sala de aula sem me esperar. O garoto, neste encontro, se mostrou mais receptivo, menos desconfiado e pôde desfrutar das atividades sem tanto receio, buscando formas possíveis de comunicação.

5º ENCONTRO LÚDICO – 25/10/2018

No encontro de hoje houve mudanças com relação ao comportamento do aluno diante de minha presença. Ao chegar à sala para buscá-lo, imediatamente ele aceitou ir comigo até à brinquedoteca. Chegando nesse espaço, sentei-me no chão, proximo às caixas disponibilizadas com os brinquedos, no entanto, ele se manteve em pé, olhando para mim, sem dizer absolutamente nada. Então, o convido para brincar comigo, reiterando que, se porventura ele nao quisesse, eu me retiraria daquele lugar, dando espaço para ele brincar sozinho. O garoto continuou a ficar em pé, sem verbalizar; importante mencionar que o aluno nunca é forçado a nada, eu espero o tempo dele para tudo, não invado seu espaço sem ser convidada, pois isso é uma construção.

Após alguns minutos, ele decide se sentar de frente para mim e começa a retirar os livros da caixa, passando a manuseá-los. Pergunto se ele desejaria que eu lhe contasse as histórias. Então, com a cabeça, ele acena que sim. Dentre as histórias contadas, estão:

Rapunzel, João e Maria, Os Três Porquinhos, Chapeuzinho Vermelho. Cumpre ressaltar que, antes de introduzir as histórias eu cantava “B*atam palmas minha gente* (palmas), *batam palmas outra vez* (palmas), *batam palmas bem contente* (palmas), *vou contar Era uma vez...”*. No momento das palmas, a criança batia palma e sorria. Foi a primeira vez que pude ver seu sorriso!

Durante a leitura das histórias, se manteve concentrada e atenta às ilustrações. Depois, ela guarda os livros nas caixas e pega o brinquedo da feirinha. Nesse momento, pela primeira vez, o garoto me convida para brincar com ele, me informando que ele seria o vendedor e eu iria fazer a compra dos produtos. Finjo estar comprando alguns produtos e ele faz de conta que está me vendendo. Após, ele me fala “V*ocê não vai me pagar, porque você está sem dinheiro*” (depois cai na gargalhada), mas ele diz que iria me dar os produtos que havia comprado, sem precisar pagar. Ele foi bastante gentil!

Depois, ele começa a dialogar comigo:

Leandro: *- Você mora na rua?*

Eu: *- Não, minha casa fica longe da escola.*

Leandro: *– Que chato, você nunca vai na minha casa. Que chato isso!*

Eu: *- Quando tiver uma oportunidade eu vou.*

Leandro: *- Você tem mãe? Como ela chama?*

Eu: *- Tenho. Chama Sueli. E a sua?*

Leandro: *- A minha chama Elaine. Sua mãe é chata? (cai na gargalhada).*

Lucas: *- Que merda, você não vai na minha casa.*

Em seguida, ele pega o livro Branca de Neve e diz: *- Olha, esse livro você ainda não contou, ele tem quebra-cabeça. Me ajuda a montar?*

Eu*: - Claro, vamos montar juntos!*

Então, começamos a montar as peças juntos. Ele começa a interagir comigo, pedindo ajuda para encontrar as peças. Não usou mais os gestos, já pôde verbalizar e pedir minha ajuda. Isso signfica que já confia em mim, que não precisa ter medo, assim, se sentiu à vontade para me convidar a participar da brincadeira dele, do mundo dele, encontrando um lugar para mim neste espaço individual de expressão de sentimento, me atribuindo, neste processo, um personagem.

Faltando alguns minutos para concluírmos nosso encontro, aviso que na semana que vem, no mesmo dia e horário voltaremos a brincar. Ele dá um sorriso discreto, de satisfação. Me ajuda a guardar o livro na caixa. Ao retornar à sala de aula, ele segura em minha mão. Novamente demonstra que o receio diminuiu e a confiança e segurança aumentaram.

Tendo em conta as mudanças percebidas hoje, destaca-se que havia um receio e uma desconfiança do garoto. Parecia ter medo de me acompanhar até a brinquedoteca, como se algo ruim pudesse acontecer. Após um mês, o garoto se mostra mais confiante não só a brincar em minha presença, mas a se envolver afetivamente e a começar a externalizar alguns conflitos, a partir de suas escolhas quanto aos brinquedos.

6º ENCONTRO LÚDICO – 01/11/2018

Ao ser convidado para irmos até à brinquedoteca, o garoto aceita o convite de imediato. Chegando ao local, ele fica em pé, reitero a ele que pode escolher sentar no chão ou nas cadeiras e, se caso desejasse, eu sentaria com ele também. Ele aponta para eu sentar no chão com ele. Assim eu fiz. Começa a manusear os objetos nas caixas e opta por brincar, inicialmente, com a feirinha. Ele me informa que seria o vendedor e eu a compradora. Então, começamos a brincar: ele me oferece os produtos e os pego e pago por eles; nesse momento não houve muitas verbalizações.

Na sequência, ele escolhe manusear os livros das caixas e, sem dizer nada, me entrega-os, demonstrando o desejo de que eu lhe contasse as histórias. Então, começo introduzindo a história com a cantiga "Bata palmas minha gente, bata palmas outra vez, bata palmas bem contente, vou contar era uma vez..." Faço a leitura da história Rapunzel – durante a leitura, ele se mantém concentrado e atento à história e às ilustrações.

Depois, pega o livro Branca de Neve, o qual contém peças para montar quebra-cabeça, referentes às ilustrações do próprio livro. A partir desse momento, o garoto começara a dialogar comigo, dentre as conversas, algumas sobressaíram, a saber:

> Leandro: - *Eu fui no parque, brinquei com um peixe lá.*
>
> Leandro: - *Você tem que montar esse quebra-cabeça junto comigo, mas e se eu ganhar e você perder? Você vai ficar montando junto comigo, mas se você perder, vai ficar sem.*
>
> Leandro: - *Hoje eu estou falando com você, estou abrindo a boca. A minha mãe disse que você é muito linda!*
>
> Eu: - *Obrigada! Diz para ela, que ela é simpática.*
>
> Leandro: - *Estou acertando tudo! Ai que chato, não achei essa peça que falta!*
>
> Eu: - *Calma, vamos encontrar a peça juntos.*
>
> Leandro: - *Você não sabe e eu também não sei essa merda*! (Ele se referia, nesse momento, às peças do quebra-cabeça que não foram encontradas).
>
> Leandro: - *Eu estou ganhando tudo, fia. Você está perdendo! Estou acertando, vou ganhar, vou ganhar, você está perdendo... olha aqui!*
>
> Eu: - *Nossa, é verdade, você está conseguindo encontrar as peças e montar certinho o quebra-cabeça. Parabéns! Vamos continuar, você consegue finalizar esse quebra-cabeça!*

Depois o garoto tem dificuldades em encontrar as demais peças que faltam do quebra-cabeça e, então, diz:

> Leandro: - *Eu não sei, mas você está acertando, quem está te mostrando as peças? Vou continuar montando sozinho.*
>
> Leandro: - *Você compra um relógio para mim? Eu quero igual o seu. Ah, mas eu sei que você não vai comprar.*
>
> Eu: - *Vamos ver (risos).*
>
> Leandro: - *Vamos guardar esse quebra-cabeça?*

Eu: - *Vamos sim! Eu te ajudo*!

Leandro: - *Ah, eu não conheço aquela música que você canta antes das histórias.*

Eu: - *Vamos aprender juntos*. Então, começo a cantar novamente a referida música.

Em seguida, ele pega a coroa de princesa da caixa e diz:

Leandro: - *Olha essa coroa, vê se cabe em você, Viviane!*

Eu coloco a coroa.

Leandro: *Você ficou parecendo uma princesa. Mas, pode tirar, só amanhã você vai usar!*

Leandro: - *Você sabia que um dia vou ser pai e vou me casar*?

Eu: - *Que legal! Você vai construir uma família.*

Ele pega a régua, lápis, folhas de sulfite. Pede para que eu faça um desenho e quando vê diz: - *Que lindo*!

Informo a ele que nosso tempo acabou por hoje, reiterando nosso retorno na brinquedoteca na semana seguinte. Antes de entrar na sala de aula, ele torna a falar: - *A mamãe falou que você é linda!*

Eu: *Obrigada! Diz à ela que ela é simpática. Até semana que vem!*

Neste encontro o garoto já conta sobre seus passeios, sua intenção de formar uma família, algo que não seria possível se não houvesse confiança em mim. Um fato importante é que a mãe do garoto, tendo me elogiado, ajudou a fortalecer esta confiança, o que também trabalhei quando devolvi um elogio a ela através dele. Posteriormente, ele elogiou meu desenho e a mim, quando me viu com a coroa, mostrando que também era capaz de desejar e dirigir um elogio a alguém. O fato de duvidar de antemão que não ganharia o relógio, ainda remete à sua percepção sobre as pessoas.

Para além disso, diante da frustração (não encontrar as peças), ele não utilizou a agressividade contra os brinquedos, no sentido físico (como fez no encontro anterior), mas no verbal, xingando, o que representa uma evolução importante. O fato de ter apontado que eu estava indo bem no jogo e perguntar quem estava me ajudando, mostra que ele percebeu a importância da ajuda em nossa vida.

08/11/2018 – A criança faltou

15/11/2018 – Feriado

7º ENCONTRO LÚDICO – 22/11/2018

Ao chegar na sala de aula, o garoto aceitou o convite de ir até à brinquedoteca, mas permaneceu quieto, sem conversar comigo. Pergunto para ele: *Você quer brincar comigo?* Ele responde que sim. Continuo a perguntar: *Você quer sentar no chão ou nas cadeiras?* Ele não verbaliza, apenas aponta para o chão.

Sem verbalizar, pega o livro Rapunzel e me entrega. Então, começo a contar a história. Ele fica concentrado durante a leitura da história. Em seguida, me entrega a

história Cachinhos Dourados, para eu realizar a leitura.

Depois, ele guarda os livros na caixa e pega o brinquedo da feirinha e me diz que eu seria a vendedora e ele o comprador das mercadorias. Nesse momento, não teve muitas verbalizações, embora eu tenha tentado estimular o diálogo com ele. Posteriormente, ele me fala: - A*gora você vai fingir que vai para sua casa com essas coisas que você comprou, aí enquanto você guarda essas coisas eu vou me esconder, mas não é pra você olhar, heim?* Nesse momento, atendo ao pedido do garoto, enquanto isso, ele se esconde embaixo da mesa e cadeiras que estavam dispostas pela sala. Ele me pede para que eu o procure. Então, começo a procurá-lo pela sala. Ao encontrá-lo, ele me diz: - *Vamos brincar de outra coisa*? E sugere que brinquemos de professor e aluna. Logo, começa a procurar nas caixas, objetos que diz respeito à profissão docente, por exemplo, lápis de cor, giz de cera, folha de sulfite, canetinha etc. Enquanto procura os respectivos objetos nas caixas, diz: - N*ossa aqui está uma bagunça*. *Fia, é um monte de lápis de cor, se é louco memo. Primeiro, eu vou ser o professor e você é a aluna.*

Nesse momento, o garoto retira da caixa dois livros (Os Três Porquinhos e Rapunzel), imitando a forma que eu havia feito para contar as histórias escolhidas por ele no início de nosso encontro de hoje. Ao contar a história Rapunzel, no final da história, ele relata da seguinte forma: *- O princípe foi namorar. Que nojo namorar!*

A última atividade lúdica de nosso encontro foi desenho, visto que ele me entregou uma folha de sulfite e pediu para eu desenhar o que eu quisesse, do meu jeito e falou que ele iria desenhar também.

No momento de encerrar a atividade, ele me ajudou a guardar os brinquedos nas respectivas caixas e voltou de mãos dadas comigo para a sala de aula. Neste encontro, ficou claro a identificação dele com a escola e uma diminuição quanto ao medo dos relacionamentos por temer decepções e perdas. Está me convidando para brincar o tempo todo, dirige as brincadeiras, de forma que sejam úteis nas resoluções de seus conflitos; consegue confiar em mim para expor suas angústias: namoro (desejo e nojo). Interessante que, sendo meu professor, me deixa livre para fazer as atividades da forma como quero, assim como procedo com ele. Está percebendo como é tratado e aprendendo a retribuir.

8º ENCONTRO LÚDICO – 26/11/2018

Inicialmente, abriu as caixas e pediu para eu contar a história dos três porquinhos – nesse momento, assim como nos encontros anteriores, manteve-se concentrado na história e ilustrações do livro, sem verbalizações.

Após lida a história, o garoto manuseia os objetos das caixas, pega a coroa de princesa e me entrega, dizendo para eu por em minha cabeça, para eu ficar como uma princesa. Também, entrega os óculos cor de rosa para eu colocar.

Em seguida, pega as duas espadas da caixa e me entrega uma delas, dizendo que iríamos lutar contra os bandidos que estavam no shopping. O garoto me pede para ir na frente do shopping (faz de conta); ao chegarnos no referido lugar, começamos a lutar contra os supostos bandidos, mas, de repente, o garoto começa a lutar comigo. Nesse momento, percebo que ele descarrega sua agressividade na espada para lutar contra mim, mas sem verbalizações. Quando ele decidiu finalizar essa brincadeira, me informou que ele

havia ganhado a luta.

Depois, decidiu brincar de professor, dizendo que ele iria ser o professor e eu a aluna dele e eu aceitei. Então, ele pega folhas de sulfite, lápis de cor, giz de cera, tesoura e régua. Faz um desenho, usando apenas a canetinha preta para isso, logo recorta todo o desenho em diversos pedaços e me diz que estava lindo; frente a isso, confirmei que estava lindo mesmo.

Tornou a manusear os objetos das caixas e decide brincar com o carrinho branco, manuseando-o de forma agressiva, batendo-o na caixa e no chão. Depois, pega uma boneca na caixa e me entrega dizendo que ela era minha filha, faz desse mesmo modo com uma bolsa cor de rosa. Então, me diz: - *Fia, eu vou ler todos esses livros que estão aqui na caixa para sua filha (boneca).* Percebo que o garoto reproduz o modo que eu conto as histórias para ele, inclusive a forma de mostrar as ilustrações dos livros. Houve um momento em que o garoto interrompe a contação da história para me dizer: *- Fia, você não tá vendo que ela (boneca) quer mamar? Vai, anda, dá mama para ela.* Frente a isso, respondo: *Onde está a mamadeira*? Ele me entrega uma agulha de injeção de plástico dizendo que aquela era a mamadeira. Finjo dar para a boneca.

Na hora de finalizarmos nosso encontro, reiterei que na próxima semana voltaríamos a brincar. Ele abriu um sorriso e retornamos para a sala de aula.

Neste encontro, o garoto continuou demonstrando conflitos relacionados a relacionamentos, filhos, sexualidade, algo comum entre crianças nessa idade. Utilizou o brincar como forma de expressão de agressividade, de forma mais intensa do que nas outras, porém, ao final do encontro, já não precisou mais lançar mão desse tipo de brincadeira.

9º ENCONTRO LÚDICO – 06/12/2018

No encontro de hoje, a primeira seleção que o garoto fez foi pelos livros de histórias. Pegou o livro Rapunzel e disse que ele me contaria a história. Assim o fez, mas, na metade, me entregou o livro e pediu para que eu continuasse. Da mesma forma aconteceu com o livro Os Três Porquinhos.

Depois disso, guarda os referidos livros na caixa e ao manusear os objetos presentes nela se depara com as espadas e diz: "É *isso!*" Entregou-me uma das espadas e me informou que a minha espada seria apenas uma espada enquanto que a dele seria uma arma. Então, o garoto me convida a ficar de pé para começarmos a nossa luta; enquanto lutávamos o garoto me dizia: "V*ai fia, estou ganhando de você*". Frente a isso, eu confirmava que ele estava ganhando, mas ora eu deixava ele ganhar e ora não, para ver como reagiria.

Em seguida, ainda brincando de lutar comigo, começa a simbolizar que a espada é uma arma e que está dando tiros em mim, reproduzindo sons de tiro e me diz: "A*gora você morre, finge estar morta, sentada aqui na cadeira*". E torna a me explicar: "E*u mato você e eu luto. Quando eu atirar você tem que morrer*". Após atender o pedido do garoto, ele me diz que eu posso acordar da morte e me pede para eu procurar ele porque ele iria se esconder de mim (nesse momento, o aluno fica embaixo de uma carteira, entre as cadeiras). Nesta situação, aparece a ideia de Winnicott (1982) relacionada ao fato de que, no brincar, a criança pode expressar e realizar desejos que, na vida real, não pode. É

muito interessante porque, no brincar, pode destruir e recriar a pessoa ou algo que deseja vivo-morto-morto-vivo em sua vida, aprendendo a lidar com os sentimentos contraditórios que nós temos enquanto seres humanos e que, claro, produzem angústias e culpa em uma criança dessa idade.

Na sequência ele me convida a brincar com tinta e me pede autorização para ir buscar água (para dissolver a tinta). Após voltar com a água, o garoto informa: "V*ocê não vai fazer nada!*" Então, ele começa a brincar molhando seu dedo na água e na tinta e desenhando na folha de sulfite, sem muitas verbalizações nesse momento. Após alguns instantes de silêncio, ele me diz: "S*abia que você não tem nada? Na sua casa não tem nada, está vazia e só tem coisa velha*".

Antes de encerrarmos nosso encontro, reitero ao garoto sobre as férias e nossa ausência na brinquedoteca durante esse período, mas quando retornar as aulas retornaremos a desenvolver as brincadeiras. O garoto acena com a cabeça, fazendo sinal de positivo. Destaco, nesse momento, a seguinte fala do garoto: "V*ou rasgar esse desenho* [feito com a tinta], *porque ninguem vai ver mesmo e vou jogar no lixo"*. Peço para ele o desenho, reiterando que queria ficar com ele para mim; ele me entrega, sorrindo. Aqui, claramente, eu busquei interferir em uma expectativa negativa dele a respeito dos relacionamentos: ao acolher sua produção, eu o acolhi, eu o valorizei.

10º ENCONTRO LÚDICO – 15/03/2019

Foram repetidas as mesmas brincadeiras do encontro anterior.

11º ENCONTRO LÚDICO – 22/03/2019

No encontro de hoje, ao chegarmos na sala da brinquedoteca, o garoto optou pela contação de histórias, me entregando os livros para que eu pudesse ler. Dentre as histórias lidas, encontram-se as seguintes: João e o pé de feijão e O patinho Feio. Depois que fiz a leitura, ele pegou o livro da Chapeuzinho vermelho e falou que seria a vez dele ler a história. No entanto, ele não fez a "leitura" da história, apenas me mostrou as ilustrações do livro.

Em seguida, o garoto disse que iríamos brincar de mercadinho, a partir do qual ele iria me vender as mercadorias. Nesse momento, ele me entrega a boneca que representa um bebê, diz que era minha filha que estava com muita fome e me pede para eu ir ao mercado comprar leite para ela. Assim foi realizada a brincadeira, conforme as orientações do menino.

Na sequência, a criança escolhe brincar com o livro de quebra-cabeça da Branca de Neve. Entrega-me algumas peças e solicita que eu as encaixe enquanto ele encaixava as demais. Aqui, quando ele conseguia encaixar as peças me olhava e dizia que ele estava ganhando e eu perdendo. Quando observava que eu estava encaixando as peças falava "Q*ue droga, você está ganhando!*".

No final do encontro de hoje, enquanto terminvámos de montar as peças do referido quebra-cabeça a criança começou a seguinte conversa: *Você conhece o momo?* Respondo que não e pergunto quem é e o que é isso. O garoto então me informa que: É *um jogo de*

armas, no qual sempre mata uma pessoa, ensinando a gente a matar. Teve uma moça que inforcou o pescoço do cara. Pergunto onde ele assiste isso e ele me diz que já viu na televisão, mas que sua mãe não o deixa assistir. Ele continua a conversa dizendo que viu uma bomba estourando em frente à casa dele e que essa bomba acertou o pai dele, que teve que ir ao médico hoje.

Ao comunicá-lo que nosso encontro estava se encerrando, ele me pergunta: V*ocê tem filho?* Respondo que não. Ele continua e diz: *Eu tenho um irmão que se chama Davi.*

No caminho para a sala de aula, ele me dá um abraço e reafirma que na semana que vem a gente volta a brincar. Neste encontro, novamente, a criança expressa conflitos com a relação entre ganhar e perder, relacionamentos, filhos, morte, desejo de ser pai - também comuns à faixa etária.

12º ENCONTRO LÚDICO – 29/03/2019

Foram repetidas as mesmas brincadeiras do encontro anterior, a diferença é que o garoto me abraçou ao me encontrar e ao se despedir.

13º ENCONTRO LÚDICO – 05/04/2019

Verifica-se que a criança já atende ao convite de ir até a brinquedoteca prontamente e sem receio. Ao chegar à brinquedoteca, a sequência de brincadeiras se repete, iniciando com a solicitação do garoto para a contação de histórias. Dentre as histórias lidas hoje para ele encontram-se as seguintes: Cachinho Dourado, João e o pé de feijão e O patinho Feio. Vale ressaltar que durante a leitura das referidas histórias, o garoto fica em silêncio, sem verbalizações. Provavelmente há uma questão com autoestima aqui e insegurança com relação ao nascimento do irmão.

Na sequência, o garoto retirou das caixas uma folha de sulfite, pegou giz de cera e canetinhas e me informou que iria fazer uma árvore, conforme pode ser observado na imagem abaixo.
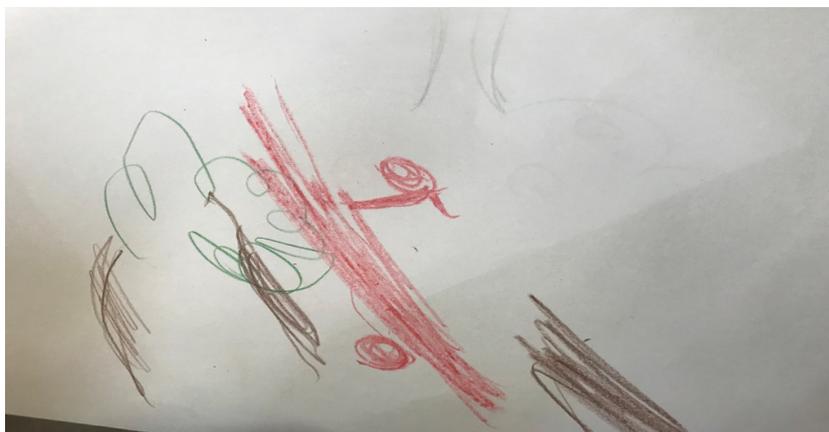
Figura 7- Desenho da árvore

Fonte: arquivo pessoal

Este desenho mostra uma árvore solta, sem raiz, sem base, o que denota sentimentos de insegurança (CAMPOS, 2011). Nas características do tronco, aparece um desejo de preservação e medo de desintegração psíquica, medo esse bastante presente quando a agressividade é muito intensa, conforme aponta Winnicott (2005).

Depois, optou por brincar com o livro de quebra-cabeça da Branca de neve, mas o garoto continuou sem verbalizar. Durante essa brincadeira, me entregou uma coroa de princesa e pediu para que eu a colocasse na cabeça. Perguntei o que eu era e ele respondeu que eu era nada.

De repente, o garoto inicia um diálogo com a seguinte fala: *Fia, sabia que eu sei dar grau de bicicleta. Você anda de biclicleta? Você tem carro? Você tem moto? Você tem fiho? Você tem mãe? Você tem pai? Onde você trabalha, fia?* Informo que é em outra escola e ele diz: A*h, nunca vi sua escola*.

Ao final do encontro, o garoto parece sintetizar, para si mesmo, os conflitos com os quais esteve às voltas neste encontro: família, filhos, insegurança. Quando pergunta algo sobre a vida pessoal da estagiária, busca entender a sua própria vida.

14º ENCONTRO LÚDICO - 12/04/2019

Ao chegarmos à brinquedoteca hoje, percebi que o aluno estava quieto, não olhava para mim, isto é, não queria nenhum tipo de contato. Aos poucos, ele começou a interagir comigo, por meio de gestos e verbalizações.

Assim como nos encontros anteriores, inicialmente, ele pediu para eu ler as seguintes histórias: João e o pé de feijão, Cachinhos Dourados, João e Maria e Os Três Porquinhos. Na sequência, optou por brincar com a feirinha, simulando uma venda, na qual eu era a compradora e ele o vendedor. Posteriormente, decidiu montar o livro de quebra-cabeça da Branca de Neve, mas não houve nenhuma verbalização nesse momento.

Ao comunicá-lo que na semana que vem seria feriado e que ele ficaria em casa, o garoto me responde falando que não tinha pai, apenas mamãe. Reitero que após a semana do feriado, voltaríamos a brincar naquele local, ele concordou e voltou para a sala de aula.

15º ENCONTRO LÚDICO - 26/04/2019

Ao iniciarmos o encontro, o aluno optou pela leitura de livros, sendo que, essa solicitação dessa vez não ocorreu de forma verbal, mas, sim, a partir da entrega dos livros em minhas mãos. Ao todo, foram quatro livros lidos, a saber: João e Maria, Cinderela, Cachinhos Dourados, Chapeuzinho Vermelho. É importante salientar que, durante a contação das histórias, o aluno permaneceu em silêncio, sem se pronunciar. Na sequência, decidiu brincar com a feirinha, me pedindo para ir até minha casa (me direcionando até o outro lado da sala) com o bebê, para ir até a loja dele (embaixo das mesas da sala) e comprar os produtos que eu e o bebê necessitávamos. Durante a compra dos produtos, o aluno apenas verbalizava "O que você precisa" e informava o preço das vendas. Ao comunicá-lo que nosso encontro estava se encerrando, o garoto me informou que amanhã ele irá à igreja com sua mãe e seu pai, voltando tranquilamente à sala de aula. Os conflitos e brincadeiras permanecem os mesmos.

16º ENCONTRO LÚDICO - 03/05/2019

Ao me encontrar com o garoto percebi que estava quieto, não queria comunicar-se. Gradativamente, foi interagindo comigo, respondendo às minhas perguntas. Inicialmente, optou pela contação de histórias de diversos livros (os já mencionados). Durante a leitura das histórias o garoto permaneceu em silêncio, atento às ilustrações e às narrativas.

Em seguida, optou por brincar de super feirinha, na qual simbolizou compras em um supermercado. Nesse momento, o garoto me pediu para pegar o meu "bebê" (bebê de plástico) e ir para minha casa (do outro lado da sala) e retornar ao mercado (onde ele se situava com os objetos do mercado, localizado embaixo de uma mesa) e fazer as minhas compras, informando os produtos que eu desejasse comprar. Por último, decidiu brincar de lutas, utilizando espadas. Nesse momento, percebeu-se que o garoto deu bastante vazão à sua agressividade, por meio de seus gestos com as referidas espadas, já que ele não verbalizou nada.

17º ENCONTRO LÚDICO- 17/05/2019

Ao iniciarmos o encontro de hoje, percebi que a criança estava quieta e receosa, uma vez que tentava dialogar com ela, mas ela não interagia. Chegando à brinquedoteca, a criança selecionou o livro de quebra-cabeça, mas não me convidou para participar da brincadeira, pois começou a encaixar as peças, sem olhar para mim e verbalizar algo. Passado alguns minutos, a criança guarda o livro e pega a caixa com os brinquedos da superfeirinha, porém, novamente, não me envolve na brincadeira, permanece quieta, observando os objetos do referido brinquedo.

Em seguida, pegou três espadas das caixas de brinquedos, as colocou em cima da mesa e me pediu para escolher qual seria a minha. Feito isso, ele escolheu a sua espada e me informou que eu e ele tínhamos que matar o bandido, apontando o dedo para a janela. Nesse momento, a criança voltou a ficar em silêncio, porém, simbolizava tiros com a espada e realizava atos hostis/agressivos. Ao acabar essa brincadeira, informei para Leandro que voltaríamos para a sala de aula e ele disse que estava tudo bem, me ajudou a guardar os brinquedos nas caixas e me deu um abraço na despedida do encontro.

Nos últimos encontros, percebe-se uma repetição nas brincadeiras de costume e a utilização mais frequente de brincadeira em que, fisicamente, expressa sua agressividade. Isso significa que os mesmos conflitos permanecem sendo trabalhados pelo garoto, ora com mais tranquilidade ora com mais angústias. Tais oscilações são comuns neste tipo de trabalho, tendo em conta que a criança também é suscetível ao seu entorno e às mudanças/ alterações nestes espaços.

18º ENCONTRO LÚDICO - 24/05/2019

Ao chegar à escola, Leandro se apresentou comunicativo, me desejando bom dia, interagindo significativamente comigo. Ao chegarmos à brinquedoteca optou, inicialmente, pela contação de duas histórias, a saber: A Bela Adormecida e Cachinhos Dourados. Cumpre ressaltar que, assim como nos encontros anteriores, o garoto me solicitava a leitura dos livros, mas durante a mesma permanecia sempre em silêncio, atento às histórias

e às ilustrações.

Em seguida, decidiu brincar com as espadas, as colocando em cima da mesa da sala e me chamando para ir lutar com ele. Nesse momento, percebo que suas ações, ao manusear a espada, não foram hostis, apesar de estar simbolizando uma luta. Não se fixou nessa brincadeira e, rapidamente, decidiu brincar com o barco, de modo a manuseá-lo em um suposto mar

Novamente, não se fixou nessa brincadeira, e decidiu me entregar um boneco que representava um bebê, juntamente com uma injeção, me pedindo para furá-lo na direção do pênis. Após dizer isso, começou a brincar de ser médico, manuseando o teclado de um "tablet".

Ao final de nosso encontro, informei ao garoto que o projeto está se aproximando do término, mas reiterei que na semana que vem voltamos a brincar naquele mesmo horário e espaço, ele concordou e me abraçou para se despedir. Neste encontro, claramente, especificou ainda mais o seu conflito: de onde vêm os bebês!

Resumo dos resultados

Quando a criança possui segurança e uma boa autoestima, ela tende a estabelecer relacionamentos mais saudáveis no futuro, como aponta Winnicott (1992), pois as referências que utilizará nestes relacionamentos estarão relacionadas às boas relações que produziram esta segurança. Desta forma, não sentirá o mundo como ameaçador, a ponto de viver se defendendo, antes mesmo que algo aconteça. No caso de Leandro, em que claramente se observa dificuldades quanto à autoestima e segurança, está difícil para ele gerenciar sua própria agressividade, principalmente porque esta expressa um "sintoma" de um mal estar interno, associada à várias tensões e angústias.

Diante de relações inseguras, a criança não se sente livre para crescer e seu desenvolvimento emocional pode tomar rumos diversos. Buscando ajuda para voltar a ter condições de se desenvolver plenamente, Leandro passa, ainda conforme Winnicott (2005), a incomodar o ambiente, para que tenha a atenção, contenção e o estabelecimento de regras - algo que precisa para acreditar na existência de um mundo seguro e estável. Por ver na professora uma pessoa que se preocupa com ele, Leandro passa a fazer de tudo para que o olhar desta se volte para ele.

Na brinquedoteca, o padrão de interação que ele usou para com a estagiária foi de desconfiança, medo, receio, afinal ela era pessoa desconhecida e ele não facilitou, tendo em vista a expectiva que possui com relação às pessoas. Por meio de brincadeiras, cujo padrão era bastante repetitivo e mostrou a existência de questões a serem trabalhadas, permitiu, a seu tempo e modo, fluir as suas emoções e conflitos.

A estagiária, já conhecendo seu histórico, ofereceu auxílio diante de suas dificuldades e gentilmente se colocou à sua disposição para brincar, ouvir, conversar, contar histórias, colocar regras, tudo de maneira suave e com confiança. Aos poucos, percebendo que estava diante de um porto seguro, Leandro apresentou seus maiores conflitos: desconfiança e medo das interações sociais; ambivalência (relação de amor e ódio com relação à mesma pessoa), sexualidade, família, paternidade.

Partes da relação ele estabelece com a família se expressaram na relação que teve com a estagiária e professora: desejo de destruição, amor, gentileza, agressividade verbal. Parte do princípio que será enganado pelas pessoas, que tudo o que pede a elas lhe será negado (a estagiária não voltará na próxima semana para brincar, não irá à sua casa, não lhe comprará o relógio) ou que não será cumprido o que for prometido; medo da perda (no jogo de espadas e medo de perda das pessoas); testa o amor das pessoas (as desobedecendo, para saber se colocarão as regras - o que seria a "prova" de amor); sente-se rejeitado; quer ser cuidado como um bebê que está sempe com fome (fome "emocional/ afetiva"). Os mesmos conflitos apareceram quando da interpretação de seus desenhos, realizado com base no trabalho de Campos (2011).

Diante do brincar e da atuação da estagiária, com o apoio da professora, que atuou de forma muito relevante neste projeto, participando das reuniões de orientação, estimulando a presença de Leandro na brinquedoteca e desenvolvendo um bom relacionamento com ele, dialogando e colocando-lhe limites, obteve-se os seguintes resultados: 1- ele passou a confiar mais nas pessoas; 2- diminuiu substancialmente a agressividade na sala de aula (segundo entrevista realizada com a professora); 3- estava mais obediente (na brinquedoteca e sala de aula); 3- não estava tendo mais tanta necessidade de testar o amor das pessoas adultas; 4- estava mais calmo, menos tenso e agitado (conforme a professora e coordenadora pedagógica); 5- passou a estar mais concentrado na brinquedoteca, sentindo prazer em brincar e expor seus sentimentos, sem medo de retorno negativo do meio; 6- ampliou sua capacidade de brincar, para além de apenas usar esses momentos apenas para dar vazão à agressividade; 7- passou a estar mais tranquilo em casa (conforme relato da mãe à professora); 8- estava se relacionando melhor, sendo mais receptivo às pessoas (conforme a professora e coordenadora pedagógica); 9- estava mais alegre.

A seguir, será apresentado o caso da criança cujo trabalho focou na timidez.

CASO 2 - FERNANDA - 6 ANOS - TIMIDEZ
ESTAGIÁRIA: HELEN
RELATOS DA OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA

1º DIA - 05/09/2018

Fernanda, no momento da roda não interagiu, enquanto as outras crianças conversavam, ela mexia no cabelo da professora. Fernanda deitou no chão e conversou (poucas palavras) com uma amiga e pouco pude ouvir do que ela disse, pois falou muito baixo. A professora chamou à atenção de Fernanda, devido ao fato de ela estar atrapalhando a contação de história. Então, começou a chorar quietinha e silenciosamente; no decorrer da história ela não se concentrava. Uma menina puxou o seu cabelo, porém, não reagiu. Depois da segunda história, Fernanda não estava mais prestando atenção e se isolou, ficando fora da roda.

No momento do ensaio da dança, ela ficou no fundo e não se concentrou. Na hora da atividade, Fernanda conversou com as amigas que estavam na mesma mesa e também explicou a elas o que era para ser feito; quieta, se concentrou na atividade e, enquanto pintava o desenho, cantava uma música (a qual não pode ser identificada novamente

devido ao tom de voz muito baixo).

Finalizada a atividade, algumas crianças ficaram juntas, dançando, porém, Fernanda ficou sentada e sozinha. E durante o intervalo, ela ficou alguns minutos sentada ao lado da professora. No término do intervalo, a turma formou uma fila com a professora e Fernanda começou a chorar, pois queria ser a primeira da fila. Logo, a docente a trocou de lugar – colocando-a como a primeira e, imediatamente, Fernanda parou de chorar e segurou a mão de sua professora.

2º DIA- 06/09/18

As observações do dia anterior se repetiram. Durante as observações em sala de aula, foi possível constatar os seguintes comportamentos em Fernanda: permanecia constantemente ao lado da professora (sala de aula e recreio); muito quieta; pouco interagia com os amigos dentro e/ou fora da sala; atendia imediatamente ao comando da professora; ouviu-se pouco a sua voz; andava sozinha pelo pátio da escola; chorava muito, se dispersava facilmente; se isolava; brincava no parque, sozinha, com areia, baldes e pás. Além disso, apresentava um semblante triste e muito cansado.

O comportamento de Fernanda, conforme as análises das observações, se enquadra em algumas descrições do quadro abaixo, intitulado como "Descrições comportamentais de crianças tímidas", elaborado por Monjas-Casares, Caballo, Marinho (2002) a partir de resultados obtidos em pesquisas realizadas com crianças tímidas na escola. Os comportamentos nos quais Fernanda se encaixa, estão marcados com asterisco*.

Brinca sozinho/a com areia ou água*
Durante o recreio permanece sozinho/a, distante das outras crianças*
Não inicia uma conversa*
Não se senta ao lado de uma criança desconhecida
Evita olhar nos olhos da pessoa com quem fala*
Suas mãos suam quando está trabalhando em grupo
Gagueja quando lhe perguntam algo
Tem dificuldades para decidir algo e está sempre inseguro/a
Nunca apresenta ideias para as brincadeiras
É muito submisso/a, sempre faz o que os demais dizem, sem questionar
É muito calado/a e somente fala com pessoas com que tenha intimidade*
Nunca tem a iniciativa para falar; se não se dirigem a ele/a, não diz nada
Responde somente se lhe perguntam e o faz com monossílabos
Passa o recreio andando pelo pátio*
Fala muito baixo; mal se ouve o que diz*
Não gosta de ser o centro das atenções*
Costuma ser muito dependentes dos adultos*
Quando chega uma determinada visita à sua casa, esconde-se e não sai até que esta tenha ido embora
Costuma mostrar-se apático/a e passivo/a*

Dias antes de um exame oral, começa a apresentar sintomas como: vômitos, dores de cabeça etc.
Quando é chamada ao quadro negro, fica extremamente nervosa que seu corpo fica imóvel, não sendo capaz de raciocinar
Não expressa suas opiniões no grupo
Senta-se no fundo da classe, sozinha, deixando alguma carteira vazia entre ela e os outros companheiros
Se tem dúvidas ou dificuldade no trabalho escolar, não pergunta nem à professora nem aos colegas*
Os colegas se aproveitam de seu trabalho e a mesma não reclama
Não tem coragem de dizer não às coisas que os colegas lhe pedem
No recreio, brinca sozinha com uma bola, batendo-a contra a parede
Os colegas mexem com ela e riem dela e ela não sabe como se defender*
Passa despercebida; se não vem à aula, ninguém se dá conta
Apresenta desculpas para não sair ao recreio
Pode não estar atenta à aula, porque fica todo o tempo torcendo para que a professora não lhe faça perguntas, para que não olhe para ela, não diga nada sobre ela
É extremamente obediente *
Não se relaciona com os demais, nem briga para pegar um brinquedo de que gosta*
Quando algo sai bem, pensa que teve sorte; quando algo sai mal, acredita que foi sua culpa
Não se defende quando alguma criança a agride
Gosta de estar com a professora; nos recreios fica perto dela*
Chora facilmente, por qualquer coisa*
Nunca diz a que lugares quer ir ou o que quer fazer*

Quadro 1- Descrições comportamentais de crianças tímidas

Fonte: Monjas-Casares, Caballo, Marinho, 2002, p. 200.

Além dessas características, Fernanda é uma criança que não come e dorme muito bem e, por conta de tudo isso, desperta muita preocupação em sua professora.

Análise inicial

Em conformidade com o objetivo específico 1 do projeto - *identificar e compreender as dificuldades de relacionamento apresentadas pelas crianças, em sala de aula* - com base nas observações apresentadas anteriormente será realizado um mapeamento das dificuldades da criança.

COMPORTAMENTOS	MOTIVOS
Brinca sozinha; durante o recreio permanece sozinha, andando pelo pátio; distante das outras crianças; não inicia uma conversa; fala muito baixo; é extremamente obediente; chora facilmente, por qualquer coisa; semblante triste	Inibição nas interações sociais Insegurança Medo Medo da desintegração do ego Tristeza

Apego exagerado em sua relação com a professora	Sentimento de abandono Insegurança Medo Carência afetiva extrema Oportunidade de conviver com uma "mãe" que lhe atende em suas necessidades.

Quadro 5 - Mapeamento das dificuldades da criança

Fonte: Helen

A seguir, serão apresentados os relatos dos encontros lúdicos, onde a garota teve um espaço para liberar sua tensão, sentimentos e conflitos emocionais, com o apoio e estímulo de uma estagiária que um dia também foi uma criança tímida e, portanto, compreende muito bem as dificuldades e necessidades de uma criança nesta situação.

RELATOS DOS ENCONTROS LÚDICOS

1° ENCONTRO LÚDICO - 17/09/2018

A criança, por motivo de ética, recebeu o nome fictício Fernanda. No primeiro encontro lúdico, expliquei a ela que iríamos à brinquedoteca uma vez por semana e que ela poderia escolher qualquer brinquedo. Quieta, não mexeu nas caixas, porém, escolheu a boneca Barbie. Fui incentivando-a a explorar as caixas, dizendo que tínhamos diversos brinquedos legais, logo ela viu uma boneca e disse que era a Chapeuzinho Vermelho.

Em seguida, pegou o lobo mau, o rinoceronte, pratinhos, colheres, facas e garfos e ficou brincando de dar comida para a Barbie. Fernanda disse que a Barbie tinha comido tudo e que iria dormir. Quando a boneca acordou, penteou o cabelo dela, informando que precisava escovar os dentes e tomar café. Perguntei o que a Barbie iria comer, Fernanda respondeu: *Bolacha, pão, suco, gelatina. Ela vai pro shopping montada em cima do rinoceronte para almoçar, tomar café, dormir no shopping.*

Feito isto, Fernanda disse que a Barbie chegou em casa e que ela precisava dormir e comer. A criança colocava o prato na cara da Barbie e o batia em seu rosto e no do rinoceronte. Posteriormente, Fernanda relatou que a Barbie iria sair para o Parque do Povo, prendeu o cabelo da boneca para ela poder tomar sorvete, andar, escorregar, correr. Disse para mim que depois de dar uma volta, a Barbie dormiu, acordou e depois sumiu.

Contou que o rinoceronte foi procurar a Barbie e que quando a encontrou, ele também sumiu. Disse que a boneca nunca iria encontrá-lo. Em seguida, ela posicionou a Barbie, o rinoceronte e o tigre (que representavam alunos) atrás da caixa de brinquedo. Disse que os alunos estavam bagunçando e batendo um no outro e que a mamãe estava vendo. Disse que a mamãe deixaria todos de castigo e trancaria a porta do quarto. Fernanda disse que o lobo mau apareceu e disse: *Vou comer todo mundo!*.

Em seguida, Fernanda pegou o livro João e Maria e perguntou para mim qual o nome da história, dizendo que iria ler para o rinoceronte. E assim se repetiu com as histórias da Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos e Cachinhos Dourados, dizendo

"fim" quando terminava de ler.

Figura 8 - Fernanda brincando com o fantoche de lobo

Fonte: Helen

Neste primeiro encontro, Fernanda já expressa a questão do desaparecimento dos pais, em uma tentativa de compreender o que ocorreu (pai faleceu/mãe internada).

2º ENCONTRO LÚDICO - 24/09/2018

Assim que chegamos à brinquedoteca, Fernanda pegou o leão, o tigre e a Barbie, dizendo que estava levando-os para sua casa. Ela contou que a Barbie encontrou seus amigos (leão e tigre) e disse a eles para nunca mais se esconderem, acrescentando que se eles desobedecessem ela os procuraria. Aqui, novamente, entra a expressão do desaparecimento dos pais.

Fernanda contou que todos dormiram e que o tigre iria bater no leão. Em seguida, ela pegou um boneco e disse que era um anjinho, porém, era bravo porque batia na Barbie, no leão e no tigre.

Posteriormente, Fernanda me pediu para ler histórias e pegou o Patinho Feio, João

e Maria, Chapeuzinho Vermelho, João e o Pé de Feijão, Bela Adormecida, Cinderela e Os Três Porquinhos. Em seguida, pegou o boneco de uma vovó, de uma mamãe, de um porquinho e dois rinocerontes, dizendo, respectivamente, que era uma vovó malvada porque era brava, uma mamãe feliz, o porco "é igual o do livro" e que os rinocerontes eram gêmeos.

Fernanda explorou as caixas e ficou perguntando para mim o nome de vários brinquedos, logo, pegou o boneco de um bebê e disse que ele ia tomar injeção. Perguntou-me porque eu não fui brincar com ela ontem e eu expliquei que o dia anterior foi domingo, por isso não houve aula e que iríamos brincar uma vez na semana, sendo toda segunda-feira. Fernanda fez esta pergunta, pois contou que gostou de brincar comigo.

A criança disse que queria brincar com as tintas e pegou uma folha em branco e começou a desenhar com os dedos, dizendo o nome de todas as cores. Então desenhou a sua casa, o mato, a rua; ao final desse encontro, ela se despediu de mim, sorridente, me abraçou e me deu um beijo no rosto.

Neste encontro observa-se uma tentativa de sistematização e compreensão, por parte de Fernanda, das relações familiares, das relações no orfanato. Ainda tem esperança de voltar para sua casa.

3º ENCONTRO LÚDICO - 01/10/2018

Quieta, Fernanda chegou à brinquedoteca, pegou a Barbie e penteou o cabelo dela. Pegou o quebra-cabeça da Branca de Neve e, no início, a criança teve dificuldades em montar a primeira parte do livro. Aos poucos, foi tentando encaixar de várias formas - perguntei se estava difícil, ela respondeu que sim, porém, conseguiu finalizar.

Em seguida, observei que Fernanda estava com um olhar triste, então tentei conversar, mas ela não dizia nada. Na segunda parte do quebra-cabeça, conforme Fernanda ia montando dizia para mim que estava conseguindo; quando finalizava a montagem fazíamos um "toque" com as mãos para deixar ela mais animada e comemorar o fato de ter conseguido.

Já na terceira parte do quebra-cabeça, eu disse: *Olha que legal, Fernanda*. É a Branca de Neve e os *Sete Anões*. *Não, é a mamãe e os filhinhos!* - disse ela. Por fim, na quarta parte, Fernanda disse que a Branca de Neve e o príncipe eram, na verdade, a mãe e o irmão. Nesse último momento, a criança montou as peças com mais facilidade e conversava mais sobre as pecinhas, portanto, deu para observar que ela estava melhor, estava mais animada no final do encontro. Então nos despedimos e Fernanda me deu um abraço. Aqui a criança faz jus à vida em família, tentando reunir a todos, de forma simbólica, no quebra cabeça. Quando algo é realizado de forma simbólica, minimiza o sofrimento. O fato de o irmão estar na mesma instituição que ela, ajuda muito.
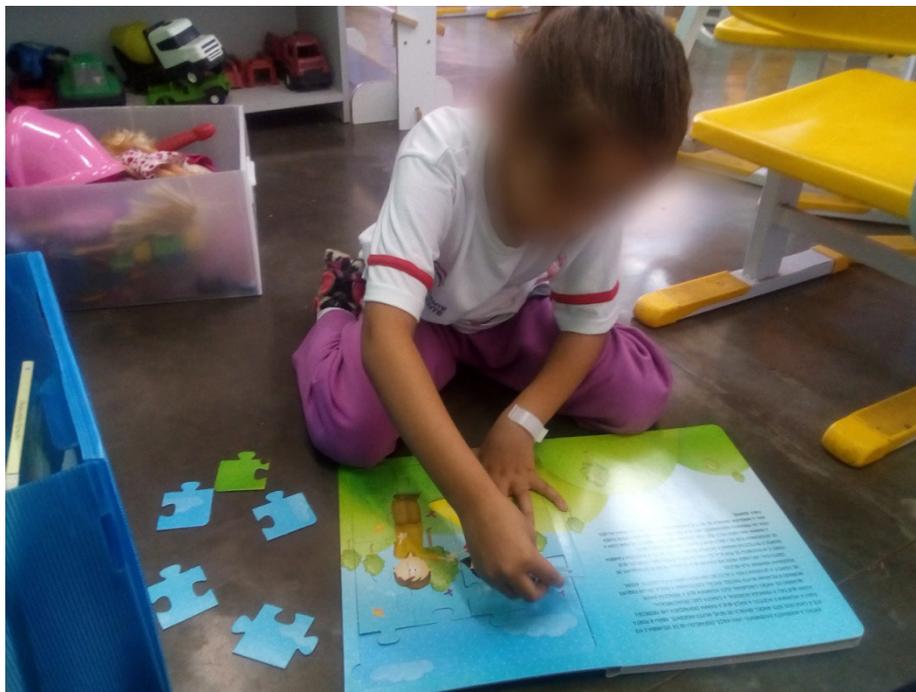
Figura 9- Fernanda brincando com quebra-cabeça da Branca de Neve

Fonte: Helen

4º ENCONTRO LÚDICO - 08/10/2018

Fernanda brincou com o quebra-cabeça da Branca de Neve, estava com um pouco de dificuldade no começo, mas ao longo da brincadeira foi associando a imagem com as peças e fazendo tentativas de encaixar uma peça à outra, dizendo para mim: *Acho que essa pecinha é aqui, acho que essa não é aqui, acho que consegui, ahá*! Houve um momento em que Fernanda pediu a minha ajuda para montar uma peça, depois voltou a montar o quebra-cabeça sozinha. Assim como no encontro anterior, realiza o desejo/desafio de juntar as partes de sua história.

5º ENCONTRO LÚDICO - 15/10/2018

Fernanda chegou à brinquedoteca e pegou o boneco do lobo, do porquinho e uma boneca. Contou-me que o lobo comeu a boneca e o porquinho ia salvá-la e disse: *Agora o lobo morreu!* Em seguida, me pediu ajuda para colocar o vestido da Barbie e para tirar os sapatos porque a boneca iria dormir. Então me disse: *Ela acordou e vai sair, vai para o shopping e é muito longe.*

Olhou para as caixas e começou a explorar, pegou um animal e perguntou: É um cavalo? Depois foi pegando alguns brinquedos e me perguntando o nome de cada um deles. Feito isto, ela quis brincar com a "super feirinha" e explorou todas as frutas e comidas, imaginando que estava no mercado comprando alimentos, simulando compra e

pesagem.

Depois ela foi até uma caixa e falou que queria jogar um jogo (UNO) e foi logo explicando as regras. Assim, começou a separar as cartas para nós duas, mas antes de iniciar a brincadeira, ela disse que tínhamos que jogar "jokenpô" a fim de saber com quem começaria a partida. Jogamos a primeira partida e Fernanda ganhou. Então disse que queria jogar novamente e que dessa vez seriam sete cartas para cada uma, pois, na jogada anterior foram 6. Assim, ela foi separando as cartas, se confundindo um pouco na hora da divisão, porém, retomava e começava a dividir de novo. Jogamos "jokenpô" e ela disse: *Ahá, ganhei. Eu começo*! e explicou as regras de novo e ganhou o jogo, pois trapaceou.

Figura 10- Fernanda jogando UNO

Fonte: Helen

Fernanda, pela terceira vez, quis continuar jogando e disse que dessa vez seriam 8 cartas. Assim como nas outras vezes, se confundiu na divisão, e pediu ajuda para separar as cartas igualmente. Jogamos "jokenpô" e eu acabei ganhando, ela disse: *Ah, mas eu vou ganhar de você. Eu vou ganhar*. No entanto, eu ganhei a partida e Fernanda falou: *Ah, mas agora a gente vai jogar com nove cartas e eu vou ganhar de você.* Novamente trapaceou no jogo e disse: *Eu sabia que ia ganhar de você*. Finalizado o jogo e o encontro, Fernanda disse: *Você vem amanhã brincar comigo*? Respondi que não e enfatizei outra vez a explicação do encontro anterior.

Fernanda, ao mesmo tempo em que se desafia tem medo e, então trapaceia como forma de evitar a frustração e, claro, a perda, algo muito difícil para qualquer pessoa.

6º ENCONTRO LÚDICO - 22/10/2018

Assim que chegou à brinquedoteca, Fernanda foi direto à estante e escolheu montar o quebra-cabeça das Princesas – logo, disse que não brincaria mais com ele, porque era muito difícil e tinha muitas peças. Em seguida, pegou o jogo de encaixe dos oceanos, da

selva, montou quebra-cabeça de blocos e exclamou: *Esse é fácil!*

Feito isto, montou quebra-cabeça do corpo humano – falou: *Esse daqui é muito difícil, quero brincar com outro* – porque tinha muitas peças. Pegou outro quebra-cabeça dos animais e quando montava dizia*: Mamãe e o filhote!* Quando estava montando a parte do cachorro, disse: *Eu nunca vou ter cachorro, porque minha mãe nunca vai me dar. Eu não quero ver mamãe nunca mais, porque vou falar com a juíza.*

Figura 11- Fernanda montando o quebra-cabeça de animais

Fonte: Helen

Posteriormente, Fernanda continuou a brincar com o mesmo quebra-cabeça, estava montando com mais facilidade e perguntava para mim se estava certo e me pedia ajuda. Nessa montagem, ela perguntou: *Amanhã vai ter escola*? Respondi que sim. *E nos outros dias vai ter escola*? Respondi: *Sim*. *E vai demorar pra acabar?* Tem mais 4 dias de aula, continuei. *E depois*? Depois é o final de semana (sábado e domingo) e no dia seguinte, vem a segunda-feira e aí as aulas voltam. *Você vai vir brincar comigo amanhã*? *Não Fernanda, amanhã não, mas eu volto na semana que vem, na segunda-feira – que é o nosso dia de brincar*. *Eu quero brincar com você*, encerrou.

Ao final do encontro nos despedimos e Fernanda me deu um abraço. Nesse encontro, a menina, inicialmente, abandonou quebra cabeça que estava muito difícil montar, aos poucos foi se encorajando e conseguindo com minha ajuda, à qual ela não hesitava em pedir. Ela estava prestes a ir em uma audiência, portanto, estava bastante ansiosa, mostrando sentimentos contraditórios em relação à mãe.

7º ENCONTRO LÚDICO 29/10/2018

Fernanda brincou novamente com quebra-cabeça (mãe e filhote), me pedindo ajuda para montá-los. Em seguida, brincou com o jogo de encaixe, me contando que no dia da

visita dela (na instituição) tinha um elefante que era gordo e a baleia sentou no sofá e o quebrou (aqui, fantasiou que recebeu uma visita; neste dia, tinha a expectativa de ver a mãe, o que não ocorreu).

Depois pegou o jogo Fazendinha, começou a montar e disse que não queria mais brincar com esse brinquedo. Buscou o jogo dos palitinhos, brincamos juntas e conforme as bolinhas iam caindo, Fernanda dava risada. Feito isto, escolheu o UNO para brincar, me dizendo que ela começaria a jogar, que seriam 10 cartas para cada uma e que precisava de ajuda para dividir as cartas.

Fernanda ganhou o jogo e disse: *Vamos jogar de novo*? Respondi que não seria possível porque já estava na hora do lanche e ela disse: *Mas não bateu o sinal ainda. Não bateu, mas precisamos voltar para sala, semana que vem eu volto para brincamos mais, tá bom*?! *Tudo bem* - respondeu.

Nesse encontro, Fernanda estava animada, quando finalizava os jogos dizia: *Vou escolher outro para brincar* e saía pela brinquedoteca procurando um jogo.

8º ENCONTRO LÚDICO - 05/11/2018

Quando cheguei em sua sala, Fernanda veio correndo, me deu a mão e contou que não queria ter ido para a escola aquele dia. Eu disse que se ela não tivesse ido nesse dia, não brincaríamos e ela respondeu: É *verdade!* Em seguida, a criança brincou com o quebra-cabeça da Branca de Neve, depois com um jogo de encaixe, Fazendinha, quebra-gelo, Uno e palitos.

Fernanda estava sorridente, comparado ao período de observação. Ela pegou o quebra-cabeça da Branca de Neve, estava concentrada, me pediu ajuda para montar as peças. Quando faltavam três peças para finalizar o quebra-cabeça, ela dizia: *Falta três peças, agora duas, agora só uma. Acabei, consegui*. *Vou montar outro, quero montar outro*. Pegou o jogo de encaixe Safari e, montando as peças, perguntou: *Por que os animais estão tristes? Não sei. Você acha que eles estão tristes?* Ela respondeu: *Sim, menos o macaco, porque ele está sorrindo e os outros estão tristes.*

Posteriormente, Fernanda disse que montaria outro jogo. Então, pegou o encaixe da Fazendinha e falava: esse é o galo (reproduzia o som), esse é o cachorro, e*le faz au au*. Todo animal que ela pegava, imitava o seu respectivo som, exceto o som da vaca e do burro porque ela disse que não sabia e perguntava para mim qual o som deles, eu reproduzia e ela dava risada. *Agora eu quero brincar com outro!* Escolheu o jogo do quebra gelo e me explicou como se brinca, quando ela quebrava o gelo, sorria, dava risada e olhava para mim.

Figura 12 - Criança brincando com o quebra-gelo

Fonte: Helen

Perguntou-me: *Vamos brincar com outro*? Pegou o jogo UNO e disse: *Estou pronta! Serão sete cartas, vou separar*! e me pediu ajuda para separar as cartas. Fernanda, quando percebeu que perderia, trapaceou e disse: *Eu ganhei!* E olhava fixamente nos meus olhos e sorria. Senti que ela não queria perder nas duas vezes que jogamos. Depois pegou o jogo dos palitinhos e me convidou para brincar. Ela se desafia, sente medo e ainda trapaceia, para evitar a perda.

9º ENCONTRO LÚDICO - 12/11/2018

Fernanda brincou com o jogo de encaixe da selva, me perguntou o som dos animais. Ela disse: *Vou montar outro*! Pegou o quebra-cabeça de filhote, o encaixe de oceano, o quebra gelo e me pediu ajuda para montar. Pegou o *lap top* da Mônica, digitou os números de 1 a 10 e, enquanto fazia isso, dizia o nome de cada número. Brincou com as ferramentas, me pediu ajuda para desrosquear o parafuso e, assim que pegou a serra, disse que era uma faca e serrou o parafuso, batendo nele com outra ferramenta.

Fernanda foi para o outro lado da brinquedoteca e pegou o fantoche de jacaré e começou a morder minha mão; com o fantoche do porco começou a imitá-lo e disse que queria brincar com a casinha de madeira. Então a criança contou que o boneco que estava dentro da casa iria dormir e me pediu ajuda para fazer eles dormirem porque ela faria a comida. A criança foi até à geladeira e disse que estava fazendo um sorvete de chocolate,

bolo de chocolate, porém, os bonecos só comeriam depois do almoço. Colocou tudo no micro-ondas, imitou o som do aparelho, falando que faltavam apenas 5 minutos. Pegou a comida e levou em cima da mesa para os bonecos comerem. Acordou os bonecos e disse que era a hora de comer.

Ela pegou na caixa o fantoche do lobo e falou que os bonecos se esconderiam dele. Então, escondeu dois bonecos debaixo da cama e um dentro do guarda roupa da casinha de madeira. Fernanda disse que era para eu pegar o lobo e colocar em sua mão, e falou: *O lobo é a mamãe e ele vai procurar os bonecos.* Me pediu para pegar outro boneco e colocar em sua outra mão e a criança começou a pegar o lobo e bater nesse bonequinho dizendo: *Sai, sai, sai*.

Figura 13 - Fernanda brincando com o fantoche do lobo

Fonte: Helen

Nesse dia, Fernanda estava segura, usando mais o espaço da brinquedoteca, com um semblante melhor, saiu da sala correndo e segurou minha mão para ir à brinquedoteca, estava comunicativa durante a brincadeira, pedindo ajuda, usando a imaginação em brincadeiras diversas.

10º ENCONTRO LÚDICO - 29/11/2018

Assim que Fernanda me viu na porta de sua sala, veio correndo em minha direção, me deu a mão, um beijo e com um sorriso muito bonito disse que, quando chegou à escola, me viu na entrada do prédio. Chegando à brinquedoteca pegou o quebra gelo para brincar, me dizendo que já tinha assistido ao filme Era do Gelo e que gostou muito.

Ela contou para mim que teria um aniversário no sábado, que seria muito legal e que iria à festa com a sua irmã e irmão, acrescentando que passaria o Natal com a mamãe. Em seguida pegou o quebra-cabeça dos animais (mãe e filhotes) e, enquanto montava, conversava comigo sobre o aniversário. Repetiu que iria passar o Natal com a mãe. Disse, ainda, que sua amiga da instituição foi embora para sempre morar com a mãe dela. Passar o resto da vida morando com a mãe é o que Fernanda mais deseja.

11º ENCONTRO LÚDICO - 03/12/2018

A Fernanda estava alegre, pulando e sorrindo; assim que chegamos à brinquedoteca ela pegou o quebra-cabeça dos animais e espalhou as peças na sua e na minha mesa. A criança ia pedindo as peças e eu entregava para ela. Feito isto, escolheu um jogo chamado Bingo das letras iniciais, então Fernanda me perguntou as regras do jogo, eu expliquei e jogamos juntas. Em seguida, brincou com as ferramentas – de soltar, martelar os parafusos. Finalizada esta brincadeira, brincou de dentista, pois precisava cuidar da boca. A relação entre mãe e filho e cuidados sobressaíram neste dia.

12º ENCONTRO LÚDICO - 13/03/2019

Fernanda ficou feliz ao me ver. Veio em minha direção, segurou minha mão e juntas fomos à brinquedoteca. Nesse dia, ela optou por brincar apenas com o quebra cabeça da Branca de Neve. Montou sem dificuldades, já estava dominando o jogo e alguns aspectos de sua vida emocional: estava mais alegre, esperançosa.

Figura 14 - Fernanda brincando facilmente com o quebra-cabeça

Fonte: Helen

13º ENCONTRO LÚDICO - 19/03/2019

Fernanda, quando me viu, veio em minha direção e segurou em minha mão até chegarmos à brinquedoteca. Ela explorou as caixas e escolheu o quebra cabeça da Branca de Neve para brincar e, montando as peças, dizia: *Achei, achei*! Quando a peça não se encaixava, ela dizia: *Hum, hum, não é daqui!* Consequentemente, Fernanda falava que não conseguiria montar, então eu reforçava, dizendo que ela conseguiria montar o quebra cabeça, pois é muito inteligente. E assim como nos encontros anteriores, sempre que ela montava as peças corretas, eu dizia: “Parabéns. Muito bem. Continue que você consegue”.

Quando faltavam duas peças para concluir o quebra cabeça ela dizia: *Faltam duas peças*. Eu respondia *Parabéns* e ao finalizar a montagem fazíamos um “toque” com as mãos para comemorar o fato de ter conseguido montar o jogo.

Em seguida, Fernanda optou por brincar com o jogo da memória e durante a brincadeira, quando nós duas errávamos e acertávamos as cartas, ela sorria. Ao final do jogo, Fernanda contou suas cartas para ver quem tinha sido a ganhadora (ela tinha 20 cartas). Então, eu contei as minhas (16) e ela ficou toda feliz por ter ganhado. Fernanda estava valorizando seus processos, seu caminhar em direção à resolução de suas dificuldades, podendo comemorar cada passo concluído. Já não apresentava tanto medo de perder no jogo, pois havia esperança e perseverança.

14º ENCONTRO LÚDICO - 26/03/2019

Fernanda escolheu o quebra-cabeça da Branca de Neve para brincar. Ela pegava as peças – as quais estavam misturadas com outras - e perguntava para mim se tal peça

pertencia àquela parte. Quando acertava, dizia: *Essa peça é daqui!* E, assim, separava todas as peças para montar em seguida.

Feito isto, ela começou a montar o quebra-cabeça. Observou e disse: *Esse anão está triste, esse está bravo, esse está feliz, esse tá com uma cara de sério e esse tá como*? Respondi: *Está espirrando. O nome dele é Atchim.* Me questionava: *Essa peça é daqui*? Respondia: *Sim, isso mesmo*. Então, ela virava as peças até conseguir encaixar. E eu falava: *Parabéns, Fernanda. Isso mesmo!* Ao final do jogo, ela dizia: *Faltam três peças, agora faltam duas e agora só uma*. E concluímos com um toque com as mãos.

Em seguida, Fernanda explorou as caixas, pegou uma folha e giz de cera. Então ela deitou no chão para desenhar e disse que queria desenhar a sua mão, porém, não conseguia. Expliquei a ela como fazer e no meio da pintura ela disse: *Minha tia foi no lar, pegou o cartão errado porque a gente ia de ônibus e ela foi embora.* A criança já consegue falar sobre fatos de sua vida enquanto realiza a atividade artística. Passado esse momento, Fernanda disse que estava desenhando o Sol, uma menina, a cama, a coberta - mostrando perspectivas positivas em sua vida.

15º ENCONTRO LÚDICO - 02/04/2019

Fernanda escolheu os bonecos do Lobo mau e da Chapeuzinho vermelho para brincar. Disse que a Chapeuzinho e o menino – o qual era irmão dela – estavam felizes. Depois pegou o quebra-cabeça da Branca de neve para montar a parte dos sete anões. Quando montava as peças, muito animada, dizia: *Essa aqui é daqui; Achei*! Eu a elogiava. Fernanda montou outra parte do quebra cabeça. Depois pegou uma folha e giz de cera para desenhar sua mão, dizendo que não conseguiria e me pediu ajuda. Desenhou a mão, o seu pé e um carrinho – falando que continuaria desenhando com giz das cores primárias. Ao final, pediu para eu ler as seguintes histórias: João e o Pé de Feijão e A Bela adormecida. Tudo continua indo bem, já desenha sua mão e pé.

16º ENCONTRO LÚDICO - 19/04/2019

Fernanda foi pulando e segurando a minha mão até a brinquedoteca. Ela explorou as caixas e pediu para eu ler a história João e o pé de feijão. Depois pegou um copo de brinquedo, uma tampa de panelinha, alguns bonecos de animais e desenhou seus contornos. Quando finalizava os desenhos dizia: *Pronto!* Em seguida, escolheu o quebra-cabeça da Branca de Neve para brincar e montou sem dificuldades. Explorou as caixas e quando via, nos brinquedos, as cores primárias, dizia os seus respectivos nomes. Quando falava o nome da cor azul, ela dizia que o George - da Peppa Pig - também diz isso nos desenhos e o imitava. A garota está interessada pelas cores que agora consegue enxergar.

17º ENCONTRO LÚDICO - 23/04/2019

Fernanda, quando me viu, veio correndo em minha direção e andou abraçada comigo até chegarmos à brinquedoteca. Ela explorou as caixas e escolheu o quebra-cabeça da Branca de Neve para brincar. Mais uma vez, perguntou se estava encaixando as peças corretamente. Respondi que sim e a parabenizei.

Realizada a montagem do quebra- cabeça, Fernanda pediu para eu ler a história Os Três Porquinhos. Finalizada a leitura, a menina optou por desenhar. Enquanto desenhava

o contorno das peças do quebra-cabeça, ela conversava comigo a respeito do ovo de páscoa que ganhou na instituição em que mora, dizendo que o presente era do tamanho da escola e que todos da unidade comeriam juntamente com ela. Em seguida, conversou comigo sobre um fato ocorrido na vizinhança, sobre o pernilongo que pica as pessoas e sobre o nosso coração bater. Foi a primeira vez que Fernanda conversou comigo por um tempo maior, olhando em meus olhos. Se despediu de mim com um abraço e um beijo, estava contente.

Resumo da análise e resultados

Toda a dificuldade nas interações sociais que Fernanda apresenta, resultam do afastamento com a família. Fernanda passou por uma situação inesperada, que alterou todo o curso de sua vida e contribuiu a uma inibição na capacidade de interação social e de se alimentar. Diante disso a garota entrou em um estado de confusão, passou a ter um receio de perda de si mesma, denominada por Winnicott (1992) de desintegração do ego. Isto causa muita angústia, drenando as energias de vitalidade e a alegria da criança.

Por mais que seja bem cuidada na instituição que a acolheu, a criança deseja o retorno à situação de vida na qual vivia anteriormente e, no início do projeto parecia a acreditar que isto não seria mais possível, o que gerava um estado em que precisava se apegar alguém para que não se perder e, no, caso a professora se apresentou como a melhor opção para ela, já que na presença desta se sentia segura.

Na brinquedoteca, de início e como esperado, não explorava as caixas, era quieta e foi começando todo o processo com cuidado. Apenas quando viu na estagiária uma pessoa que poderia lhe oferecer atenção, brincar, conversar, ajudar nas dificuldades, começou a expressar o que se passava com ela. Imediatamente as brincadeiras já começaram a expressar o momento pelo qual passava, mostrando confusão, medo, desparecimentos, medo de nunca mais encontrar alguém....

Na brinquedoteca, o padrão de interação que Fernanda estabeleceu com a estagiária foi marcado pelo apego, tendo em vista sua necessidade afetiva. Por meio de brincadeiras, cujo padrão era bastante repetitivo, envolvendo temas como família, filhos (filhotes), relação mãe-filhos e cuidados, em que usava animais de plástico, mostrou a existência de várias questões que a incomodavam e para as quais busvava compreensão (representada por todo o esforço em conseguir montar quebra-cabeças diversos, cujos temas envolviam a família).

O quebra-cabeça desmontado representava a situação de sua família naquele momento, que ela "ganhava" ou "reavia" nos momentos em que conseguia montá-los, o que a deixava feliz, se sentindo aliviada e confiante de que poderia resolver esse problema. Quando não conseguia montar se sentia mal, pois encarava como um fracasso no restabelecimetno do estado de coisas que havia antes.

O desenho, se mostrou muito relevante no auxílio ao seu estado mental, pois permitia que a menina desenhasse os contornos de suas partes do corpo, marcando os limites deste, reforçando esses limites para que não se rompam idealmente - o que seria a concretização da desintegração. Este tipo de brincadeira, associado ao da montagem do quebra-cabeça, marca uma evolução no brincar de Fernanda, no sentido terapêutico, ainda

que não estivesse participando de uma sessão terapêutica. O que confere este benefício à criança, de poder utilizar o brincar a seu próprio favor, é uma capacidade desta em confiar em expor os mais profundos sentimentos a uma pessoa que se mostre disponível, confiável e atenta. Neste sentido, se ela brincasse sozinha, sem a presença da estagiária, este campo de possibilidade não seria formado, como aponta Winnicott (1982).

A partir do momento em que foi diminuindo sua angústia, foi conseguindo pontuar mais as brincadeiras; sonha com a presença da mãe e dos irmãos, sob forma dos sete anões e da Branca de Neve. Como o medo da perda é muito significativo e sugere a desintegração do ego para ela, teme não conseguir ganhar nos jogos e, para evitar a frustração, trapaceia, recurso que não precisou mais realizar ao longo da pesquisa.

Algo interessante, também, que comparece nas brincadeiras de Fernanda é a agressividade. As pessoas, em geral, têm as crianças "tímidas" como calmas, tranquilas, porém, a diferença em relação às crianças com agressividade é que estas não manifestam seus impulsos destrutivos em suas relações sociais. Tais impulsos ficam contidas, inibidos, de forma que a criança sente raiva, assim como Fernanda, mas não é relacionada diretamente às pessoas, mas sim, ao tipo de relações que tem com as pessoas (WINNICOTT, 1982).

Ainda, ao desenhar partes de seu corpo, como mãos, pés, contorno completo dos corpos dos animais, está juntando e reforçando as partes e as relações das partes em seu corpo, em seu todo, o que traz um conforto e libera o bem estar, a alegria, superando o medo da desintegração de seu eu. Quando a criança coloca algo no papel, está inscrevendo essa coisa, tomando posse dela, eternizando-a, com isso, diminui o medo da perda.

À medida que os encontros foram se desenvolvendo, pode se verificar, além do que já foi apontado, uma minimização nas características gerais de timidez que Fernanda apresentava no início: 1- a criança passou a olhar nos olhos da pesquisadora e seu semblante mudou: está alegre; 2- assim que era chamada para brincar, cumprimentava a pesquisadora e se despedia com abraço; 3- estava mais animada, sorrindo e explorando o espaço físico da brinquedoteca (brincando em todos os cantos da sala); 4- conversava com a estagiária durante os encontros lúdicos; 5- estava mais segura para brincar: era perceptível na voz, na postura da criança e na forma como brincava. Nesse sentido, de acordo com Aberastury (1992), o brincar proporcionou à Fernanda a capacidade de expressar seus conflitos emocionais propiciando-lhe alívio por meio da elaboração destes conflitos.

A evolução da garota demonstra o quanto o brincar foi significativo para obter estas mudanças e como "[...] a brincadeira fornece uma organização para a iniciação de relações emocionais e assim, propicia o desenvolvimento de contatos sociais" (WINNICOTT, 1982, p. 163). O brincar, aliado ao contato empático com a pesquisadora, permitiram à criança, que encontra-se separada de sua família, se vincular, se sentir mais segura e mais disponível aos relacionamentos, minimizando as características de timidez em sala de aula. A professora disse que Fernanda nem se parece mais com a criança que tínhamos inicialmente: ela não mais acompanha a professora no intervalo e não fica mais próxima dela fisicamente o tempo todo na sala de aula; está mais participativa nas atividades e alegre, interagindo com as crianças; está comendo melhor e ganhou peso.

Diante da extensão dos relatos e análises acerca dos outros três casos trabalhados

durante a pesquisa, estes não serão apresentados aqui, porém, os resultados obtidos nos cinco casos, em forma de síntese, são apresentados a seguir, em dois quadros: um referente à agressividade e outro referente à timidez.

CRIANÇA	COMO INICIOU NO PROJETO	COMO FINALIZOU
1 - Leandro	O garoto, na brinquedoteca, não olhava para a pesquisadora, não se aproximava fisicamente, brincava de costas para ela.	Se aproximou fisicamente da pesquisadora.
	Atacava fisicamente os colegas (empurrões, mordidas, socos, chutes).	A professora relatou que suas manifestações agressivas amenizaram significativamente.
	Dizia muitas palavras de baixo calão; chutava os genitais dos colegas, tocava as nádegas das meninas.	Ocorrem em situações isoladas; está mais calmo.
	Apesar do estímulo, ele não verbalizava, apenas acenava com a cabeça sobre o que queria brincar.	O garoto se comunica bem, verbaliza.
	Dava vazão à sua agressividade por meio de lutas de espada com a estagiária.	Passou a expressar seus conflitos emocionais, durante as brincadeiras, por meio de livros de história.
CRIANÇA	**COMO INICIOU NO PROJETO**	**COMO FINALIZOU**
2 - Davi	Arredio, não falava, a professora comentou que era "agressivo" e "não tinha limites".	Segundo a professora está mais estável e tranquilo em sala de aula.
	Era sempre triste e calado na brinquedoteca, não interagia com a pesquisadora, não aceitava sua presença.	Tranquilo, receptivo, conversa bastante, convida a pesquisadora para suas brincadeiras.
	Faltava muito nos encontros lúdicos	Ainda falta muito à escola
	Brincadeiras repetitivas, com peças de Lego.	Saiu das brincadeiras repetitivas de montar e foi para as brincadeiras usando a imaginação, criando histórias.
CRIANÇA	**COMO INICIOU NO PROJETO**	**COMO FINALIZOU**
3 - Kauã	Além da agressão, pegava objetos escondido, comia lanches das crianças sem pedir permissão. Quebrava objetos das pessoas.	Parou de quebrar os objetos das pessoas; diminuiu a agressividade; os objetos pararam de desaparecer.
	Tinha um humor instável, não tinha limites.	Tem mais momentos de alegria do que de mau humor. Demonstra arrependimento, pede desculpa.
	Trapaceava nos jogos de tabuleiro.	Tenta ser justo, luta contra a sua própria vontade de levar vantagens.
	É muito amável com a pesquisadora	Continuou muito amável com a pesquisadora.

Quadro 6- Resultados relativos às crianças que manifestavam muita agressividade na escola

Fonte: Andreia

CRIANÇA	COMO INICIOU NO PROJETO	COMO FINALIZOU
1- Fernanda	Olhava apenas para baixo	Olha nos olhos da pesquisadora.
	Semblante triste	Semblante alegre
	Não correspondia ao cumprimento no momento de ir à brinquedoteca.	Assim que é chamada para brincar, cumprimenta a pesquisadora. Se despede com um abraço.
	Muito quieta; pouco conversava durante os encontros lúdicos.	Está mais animada, está sorrindo; conversa durante os encontros lúdicos.
	Não explorava o espaço da brinquedoteca; insegura ao brincar.	Explora o espaço físico da brinquedoteca; está mais segura durante o brincar.
	Extremo apego à professora.	Apego à professora, porém, não há mais a necessidade de aproximação física excessiva.
CRIANÇA	**COMO INICIOU NO PROJETO**	**COMO FINALIZOU**
2- Aline	Permanecia sozinha durante o recreio, distante de outras crianças.	Procura estar entre algumas crianças durante o recreio.
	Não conversava; se comunicava por meio de gestos. Evitava olhar nos olhos da pessoas com quem falava.	Começou a verbalizar, ao invés de gesticular. Começou a olhar nos olhos da pesquisadora.
	Não tinha iniciativa nas brincadeiras (ficava imóvel por até 15 minutos diante de um brinquedo), não os explorava.	Começou a tomar iniciativa nas brincadeiras, explorar os brinquedos e se divertir.
	Cabisbaixa, chupa muito o dedo; extremamente obediente.	Animada; não chupou mais o dedo.
	Não tem coragem de dizer “não” aos colegas; não expressa suas opiniões na roda.	Responde questões simples.
	Tinha intestino preso (segundo a mãe) e comia muito pouco.	O intestino e o apetite estão melhores, conforme a mãe.

Quadro 7- Resultados relativos às crianças que apresentavam muitas características de timidez

Fonte: Andreia

Conforme pode ser observado, as crianças apresentaram transformações bastante significativas, cada uma à sua maneira, dando continuidade ao seu desenvolvimento emocional com uma melhor qualidade nas interações sociais.

ATIVIDADES DA COORDENADORA DO PROJETO JUNTO AS ESTAGIÁRIAS, PROFESSORES DA ESCOLA E DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS DO TRABALHO

ORIENTAÇÃO DAS ATIVIDADES LÚDICAS COM AS ESTAGIÁRIAS

Conforme as estagiárias registravam os relatos dos encontros lúdicos no site (geralmente ainda no mesmo dia em que ocorriam) a coordenadora do projeto realizava o levantamento e análise parcial de dados. A partir do material obtido, organizava as orientações a serem feitas às estagiárias, discutindo sobre, por exemplo, se deveriam ou não estimular, naquele momento específico, a fala da criança, o brincar; se poderiam ou não fazer perguntas às crianças ou inserir na caixa de brinquedos algum material novo, tal como foi o caso das espadas de plástico.

Conforme as necessidades surgiam o coordenador orientava as estagiárias, também, quanto à sua postura: se atenderiam aos desejos dos alunos, se permitiriam que a criança ganhasse ou não às disputas, se seriam cordiais, gentis ou mais reservados com algumas crianças. Este trabalho era realizado com cada caso e as reuniões com as estagiárias para este fim tinham a seguinte dinâmica: em um primeiro momento todos se reuniam e conversávamos sobre aspectos gerais do projeto e, posteriormente, as conversas eram individualizadas, para que o coordenador pudesse dar atenção máxima a cada caso.

As estagiárias eram orientadas, ainda, sobre como categorizar os dados coletados e os cotejarem com as teorias estudadas no Grupo de estudo, sendo estimuladas a pensarem em hipóteses, posturas e orientações a pais e professores. Os dados e resultados produzidos nestas reuniões eram incorporados ao material que era apresentado aos professores nas reuniões de Horário de Trabalho Coletivo, juntamente com a coordenadora do projeto. Estas reuniões ocorreram bimestralmente.

Figura 15- Reunião de orientação com as estagiárias

Fonte: arquivo pessoal

REUNIÕES COM PROFESSORES E PAIS

As reuniões com os professores foram realizadas durante o Horário de Trabalho Coletivo. Tais reuniões ocorreram às quartas-feiras, das 18h até as 21h30, bimestralmente. A coordenadora pedagógica já deixava o equipamento multimídia preparado e sempre era oferecido um café e água para nós.

Conforme especificado em planejamento, o processo foi realizado em quatro etapas: 1- reapresentação do projeto e momento para os professores se expressarem sobre suas dificuldades com as crianças em relação à agressividade e timidez (reunião 1), expectativas com relação ao projeto e representações sobre a agressividade e a timidez; explicitação das etapas do trabalho (reunião 2); 2- apresentação sucinta e dialogada sobre o desenvolvimento emocional infantil e suas relações com a agressividade e timidez na escola (reuniões 3 e 4); 3- apresentação e discussão de dados mais amplos da pesquisa, de forma a trabalhar com as representações que os professores apresentassem a respeito da temática e, a partir da exposição dos dados e teorias sobre a agressividade e timidez, refletir sobre formas de atuação com as crianças (reunião 5); 4- relatos sobre o trabalho que cada segmento conseguiu realizar com a criança, reflexão sobre as técnicas empregadas, os resultados obtidos e avaliação do projeto (reunião 6).

Figura 16- Professores expondo suas experiências com as crianças com agressividade e com timidez na reunião 1

Fonte: arquivo pessoal

Na segunda reunião, inicialmente, o cronograma do projeto bem como as

atividades foram minuciosamente apresentadas e justificadas, para que os professores compreendessem bem a dinâmica. No segundo momento, passamos a trabalhar com as representações sobre a agressividade e timidez, concluindo esta noite com as expectativas sobre o projeto.

Na reunião 3, o desenvolvimento emocional infantil e sua relação com a agressividade foram discutidos. Abaixo encontram-se os pontos que foram trabalhados neste sentido:

AGRESSIVIDADE: ENTRE FATORES EMOCIONAIS E SOCIAIS[1]

- A agressividade faz parte do desenvolvimento emocional da criança.
- O início se dá com os chutes na barriga na mãe.
- Algo inato ao ser humano; possui funções de adaptação ao mundo: defesa/segurança.
- Para que a criança possa usar a agressividade, como defesa, de forma adequada, esta precisa ter um bom desenvolvimento emocional.

DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

- Desenvolvimento das emoções inicia-se no útero.
- A relação afetiva entre a mãe e bebê, o vínculo entre ambos, inicia-se na gestação.
- A partir do nascimento, a mãe entra no estado de "preocupação materna primária", para se adaptar aos cuidados com o bebê.
- O desenvolvimento emocional do bebê resulta dos cuidados físicos e psíquicos que recebe, sobretudo até os 2 anos de idade.
- As experiências que o bebê viverá enquanto está sendo cuidado, um vez que estas sejam, em sua maioria, positivas, resultará na formação da consciência, segurança, capacidade de envolvimento e habilidades sociais.
- As principais pessoas presentes nessas experiências, em um primeiro momento, são: mãe, pai, irmãos e demais membros da família.
- A base que a criança utilizará para se relacionar com as pessoas, será formada pelos padrões de interações no interior de sua família.

1. Pontos discutidos por meio de projeção de slides.

FUNÇÕES DA FAMÍLA NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA

- Mãe/pai (ou quem se responsabilize pela criança): cuidar, dar atenção, carinho, respeitar, ser porto seguro, educar ("dar limites").
- Oferecerem à criança: um lar seguro, organizado, estável emocionalmente.

FATORES QUE PREJUDICAM O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

- Experiências ruins, repetidas muitas vezes, durante a faixa de 0 a 6 anos.
- Experiências ruins: tudo aquilo que venha a interferir no **contato** do bebê/criança com sua família, principalmente com quem mais cuida dela.
- Essas experiências "congelam", bloqueiam, alteram o curso do desenvolvimento emocional saudável, causam lacunas.
- Nestes momentos a criança pára de se desenvolver, para reagir a esses eventos intrusivos.
- Exemplos: mortes, hospitalização, viagens longas, prisões.
- O problema é que a perda do contato com a mãe, por exemplo, causa angústia, ansiedade, sobretudo a partir do momento em que o bebê não consiga mais carregar a imagem dela na memória: a relação afetiva se perde, a criança se vê sozinha e desprotegida, causando caos interno.
- Tudo dependerá da idade e recursos psíquicos que o bebê/criança tiverem.

E A AGRESSIVIDADE, AONDE ENTRA?

- A agressividade exagerada é um "sintoma" de que algo não vai bem no desenvolvimento emocional da criança.
- É uma forma que a criança utiliza para comunicar seu mal estar interno.
- Mostra que não está conseguindo gerenciar suas emoções.
- Está a pedir a ajuda para os adultos.

OUTROS FATORES QUE INFLUENCIAM NA AGRESSIVIDADE

- O fator que mais pesa é o corte ABRUPTO nas relações com a família, sobretudo com a mãe, em idades precoces, momento em que está sendo formada

a base da personalidade (segurança, confiança, capacidade de se envolver e cuidar de si e dos outros).

- Em complemento, teríamos, também, variáveis dentro das relações entre as famílias, que podem atuar junto com o corte ou nas relações de forma isolada:
- maus tratos, relações "frias" (pais presentes apenas física e não emocionalmente), pais sem condições de dar afeto (geralmente que não receberam afeto), doenças que afetem os cuidadores quanto à capacidade para cuidar da criança ou doenças que predisponham os cuidadores a terem relações inseguras com as crianças (depressão, ansiedade, transtorno bipolar); vícios, agressividade.
- Um outro ponto, seria a questão da educação: pais permissivos, que compensam os filhos, que não exercem a autoridade, que não dão "limites": insegurança na criança e agresssividade descontrolada.
- Traumas: eventos que causaram muito sofrimento, além do que as crianças e bebês podem suportar: morte do animal de estimação, mortes, prisão, hospitalização, abusos, maus tratos, acidentes: agressividade descontrolada.
- Existem conflitos emocionais, próprios ao desenvolvimento emocional, que podem causar os comportamentos agressivos, por um determinado tempo: nascimento de irmãos, ciúmes dos irmãos, ciúmes dos pais, medo de perda dos pais, conflitos na escola, adaptação escolar.
- Esses tipos de comportamento, tendem a desaparecer, depois de resolvidos os conflitos.
- Características da criança com agressividade
- Agressividade está associada à tensão, nervosismo, ansiedade, "agitação" física e mental, produzidos pelos sentimentos/conflitos emocionais das crianças.
- Crianças com agressividade geralmente são mal humoradas, não toleram a frustração, não toleram a perda (pois já perderam muito na vida).
- Em geral, devido à fragilidade do ego, não confiam na qualidade das suas produções na escola: não gostam de seus desenhos, apresentam alguma dificuldade para aprender, em geral, ou em áreas específicas.
- Algumas crianças (cerca de 20%) possuem o rendimento escolar abaixo do esperado e dificuldades de concentração: o aspecto emocional interfere nas funções cognitivas.
- Têm dificuldades com regras, em dividir material, discutem/batem por qualquer motivo, discutem/batem "sem motivo" - mostrando que tipo de falha ambiental

houve.

- Quando essas crianças ainda têm esperança de serem ajudadas por suas famílias, se comportam mal em casa também, não só na escola. Quando não têm esperança de serem ajudadas em casa, em geral, só se comportam mal na escola, pois sentem que neste local as pessoas se importam com elas.
- Elas se defendem muito, até de atos que não acontecem, pela percepção de que o mundo não é seguro e as pessoas não são confiáveis: por isso são mais "fechadas", desconfiadas e tendem a pensar que as pessoas não gostam delas (rejeição). Suas histórias de vida as levaram a essas conclusões.
- O professor é o maior alvo de investimento afetivo do aluno, pois sente que este se preocupa com ele. Quando muito prejudicados emocionalmente, testam "o amor" do professor, testam os limites do professor, em busca dos seus.
- Buscam na escola o que faltou entre as paredes do lar: atenção, afeto, limites, regras, autoridade – que precisam para retomar seu desenvolvimento emocional saudável.
- Tentam resgatar uma condição perdida ou ter acesso a uma realidade que nunca tiveram.
- Se a agressividade não for trabalhada e/ou as condições que a produzem não forem mudadas, há o risco de evolução para patologias, tais como transtornos de conduta e, por fim, a delinquência.

O QUE FAZER PARA AJUDAR AS CRIANÇAS COM RELAÇÃO À AGRESSIVIDADE?

1- Questões familiares;

2- Como as crianças se expressam e como trabalhar com suas emoções.

Família/ambiente:

- oferecer ao bebê cuidados físicos e afetivos, sobretudo dos zero aos dois anos;
- o cuidador deve evitar ficar longe da criança por períodos muitos longos, sobretudo até os dois anos de idade;
- se houver morte, depressão pós-parto, internação ou outro motivo que impeça os pais de cuidarem da criança, é primordial que outras pessoas atenciosas e dispostas a cuidar, fiquem com ela enquanto os pais não possam reavê-la;

- é importante zelar por um ambiente estável do ponto de vista emocional, independente de quem more na casa.
- a criança precisa se sentir amada e protegida: os pais precisam externalizar seus sentimentos a ela.
- a criança precisa ter uma rotina e isto inclui regras e limites numa medida razoável.
- o tempo que os pais passam com a criança, mesmo que pouco, precisa ser de qualidade.
- os pais precisam entender que a criança aprende mais por observação das atitudes deles do que por aquilo que falam; precisam de bons exemplos;
- as crianças precisam de atenção e de alguém que brinque e converse com elas, para que tenham um bom desenvolvimento emocional;
- se por algum motivo a criança estiver diferente do usual, conversar com ela, ouvir suas reclamações para saber o que ela precisa; dialogar com o professor para se ajudarem mutuamente.
- compreender os mecanismos que levam à agressividade;
- não imaginar que o ataque agressivo que a criança faz ao professor é pessoal, ela fará isso a quem estiver mais perto dela em seu momento de tensão;
- entrar "no jogo" da criança, ou seja, sentir a necessidade dela;
- dar o que ela precisa dentro daquilo que fique nos limites da função docente;
- não colocá-la como o centro da sala, não dar destaque ao seu comportamento, para que não seja rotulada.
- professor não é substituto dos pais, mas extensão deles, pois as crianças da educação infantil ainda são pequenas. Isto significa que o professor deve estabelecer regras, limites, pois a criança precisa disso para, aos poucos, reconhecer os limites de seus desejos;
- Professor ser firme com a criança, mas afetuoso, para que ela perceba o interesse pelo bem-estar dela; o professor agressivo não contribui, prejudica;
- se desconfiar que algo não está bem, encaminhar a criança;
- ajudá-la a compreender suas emoções, dialogando com a criança, ajudando-a a nomear o que sente e a tranquilizando nos momentos difíceis;
- tentar dialogar com a família, pois, a agressividade pode ser episódica;

- oferecer momentos que proporcionem o brincar individual e em grupos;
- utilizar a literatura infantil como forma de trabalhar os conflitos infantis (Ex: João e Maria - conflito com os pais);
- conte histórias sobre amizade, amor e relações tranquilas;
- peça à criança para criar histórias de amor, amizade e temas correlatos; exibir filmes.
- incentivar a socialização sem forçar o contato;
- orientar os pais caso seja possível;
- desenvolver atividades que desenvolvam a união, respeito, trabalho em equipe, empatia;
- desenvolver projetos em que a criança se responsabilize por uma planta, boneco ou animalzinho que tenha em casa, ressaltando a importância do cuidar de si e do outro;
- trabalhar com os conceitos sociais: "obrigado", "por favor", "dá licença", "me empresta" (adequando à idade da criança)".
- incentivar a criança com agressividade a se desculpar, consertar o objeto que tenha quebrado de outra criança, se possível;
- observamos casos em que crianças da sala incomodavam a criança com agressividade só para vê-la agitada;
- fazer com que a criança com agressividade auxilie o professor de alguma forma, para que se sinta importante para uma figura de autoridade. Não destinar a ela atividades em que possa criar conflitos com a sala ou vice-versa;
- atividades em que as crianças lidem com sentimentos também são interessantes. Ex: quadros em que as crianças colam as "carinhas" conforme elas se sentem naquele dia;
- as crianças da educação infantil ainda estão no egocentrismo e, portanto, têm dificuldades naturais em trabalhar em grupos, compartilhar material, compreender e obedecer regras;
- atividades envolvendo barro/areia tendem a acalmar as crianças;
- as crianças, por natureza, não param quietas; programar atividades físicas nas quais gastem bastante energia; não esquecer de atividades para a «volta à calma»;

- apresentar às crianças músicas que suscitem sentimentos bons;
- a arte é uma aliada na expressão de conflitos que causam agressividade;
- a criança pequena ainda está aprendendo a lidar com a agressividade, então vale a pena observar se não está usando a conduta agressiva em contexto não adequado. Exemplo: já houve caso de uma garota sair mordendo as outras crianças por estar alegre com a chegada dos pais para buscá-la;
- em reunião dos pais, ressaltar primeiro os pontos positivos da criança e somente depois disso comentar a questão da agressividade;
- por mais que a criança com agressividade gere mal estar no professor, tentar evitar isso, pois faz mal à sua saúde; tentar ser racional neste caso;
- a criança agressiva não quer apenas chamar à atenção: ela quer aquilo que às vezes não teve/tem dentro do lar; a criança tímida também tem suas necessidades, mas não as reivindica;
- não adianta perguntar à criança porque ela está agressiva: na maior parte das vezes o motivo é inconsciente e ela, portanto, não sabe, por isso não responde ou inventa respostas descabidas.
- valorizar os esforços e conquistas dos alunos;
- dar atenção à criança agredida, pois, com o tempo, pode se tornar agressiva como defesa.
- as técnicas propostas são importantes ao desenvolvimento emocional e social de todos os alunos, por isso não há necessidade de preparar atividades específicas aos alunos com dificuldades de relacionamento.

Figura 17- Coordenadora do projeto realizando exposição acerca da agressividade na reunião 3

Fonte: arquivo pessoal

Na reunião 4, a timidez foi o foco da atenção, tendo sido abordados os seguintes aspectos, sob forma de slides:

TIMIDEZ

Características gerais

- Timidez vem do latim tímido, que significa “temeroso”.
- Conforme Silva e Ribeiro (2015) a timidez se refere à dificuldade que uma pessoa enfrenta ao interagir, ao se comunicar com seus pares e ao ser abordado por alguém.
- Reforçam que tais dificuldades – estimuladas pelo acanhamento, desconfiança ou cautela – são comuns de ocorrer, principalmente no início de relações em dado contexto social. O problema é quando as dificuldades permanecem.
- Mascarenhas (2007, p. 35): “a pessoa tímida, às vezes com baixa autoestima, aprisiona-se em si, cria cenas de rejeição, imagina-se excluída e inferior, passa a maior parte do tempo criando cenas nas quais não se sairá bem e sente-se inferiorizada”.
- Esses sentimentos e pensamentos afligem internamente os tímidos, que possuem uma autoimagem muito crítica (CRAWFORD; TAYLOR, 2000).

Causas

- Não há uma origem exata da timidez, Crawford e Taylor (2000) declaram que alguns fatores podem influenciar:
- 1- Padrões familiares (elogio pelo bom comportamento, por exemplo)
- 2- Humilhação
- 3- Traumas: mortes
- 4- Maus-tratos de colegas
- 5- Repressões
- 6- A criança não desejada/não aceita após o nascimento.
- 7- As crianças separadas da mãe após o nascimento: aquelas que passaram por parto cesariana ou até os bebês que permaneceram na incubadora (solidão, alienação).
- Esses fatores podem afetar a autoestima, gerar insegurança, ansiedade.
- Não precisa haver apenas situações complicadas de vida para que se constitua uma situação de timidez nas crianças.
- As próprias questões e conflitos que as crianças se deparam durante o desenvolvimento emocional, tais como o nascimento de irmãos, podem produzir alterações em seus estados emocionais, constituindo a timidez uma expressão desses estados.
- Assim como na criança com manifestações agressivas, a criança com características de timidez terá impulsos agressivos e a raiva, que não será associada, propriamente, aos impulsos, mas às condições dos relacionamentos que tem ou que fantasia ter.
- Tal sentimento será resultado de frustrações no decorrer de seu desenvolvimento emocional, sobretudo quando ainda é totalmente dependente da mãe ou cuidador. A criança reprime seus sentimentos e sua timidez constitui expressão do represamento das emoções que não pode manifestar.
- O mundo passa a ser altamente ameaçador e a agressividade é direcionada à própria pessoa.
- De acordo com esse quadro, percebe-se o quanto é difícil o convívio para as crianças tímidas.
- A tensão, preocupação, angústia e medo que sentem, acabam se refletindo em seu comportamento de forma muito negativa.

- Geralmente a timidez se localiza em crianças perfeccionistas, muito exigentes consigo próprias.

- Estas características, muitas vezes, são vistas pelos familiares como algo comum, por se tratarem de crianças quietas e obedientes.

- Traumas/experiências de outras pessoas podem afetar a criança com timidez.

Como auxiliar essa criança?

1- identificando-a

2- reconhecer suas necessidades e inseguranças (história de vida).

3- estimular sua socialização, aos poucos e sem exagero nas experiências.

4- não utilizar o termo "tímido" diante dela.

5- estimular a participação em dupla, depois em trio etc.

6- designá-la como ajudante do dia (para se sentir valorizada e trabalhar a autoestima).

7- evitar situações em que ela se sinta o centro das atenções (pelo menos no início).

8- valorizar suas produções (trabalhar seu perfeccionismo); elas não confiam nas produções ou acham que nunca estão suficientemente boas.

9- orientar sua ação diante de conflitos com outras crianças.

10- incentivá-la a se aproximar de crianças que considere ser mais tranquilas (inicialmente), para dar segurança de que não acontecerá nada ruim.

11- verificar se está bem adaptada à escola.

12- verificar se está tendo problemas com alguma outra criança (agressiva).

13- se ela não estiver comendo bem, estiver muito magra, chorando, com intestino preso, dores nas pernas, dizer que o professor a está maltratando (perseguição inconsciente), não souber brincar, é importante encaminhá-la.

Na reunião 5, retomamos os pontos discutidos acerca da agressividade e timidez e fomos articulando-os aos dados das crianças que estavam sendo trabalhadas no projeto. A partir daí fomos refletindo e conversando sobre formas de atuação com as crianças e suas famílias. À reunião 6 ficou reservada uma reflexão sobre nosso trabalho em conjunto, concluindo com uma avaliação do processo.

As reuniões com os professores, em geral, foram muitos ricas em debates, trocas de experiências e informações. Os professores demonstraram muito interesse pela

temática e compromisso com a educação, com as crianças e seu futuro. As orientações aos professores ocorriam à medida que participavam dos debates: eles perguntavam, dialogavam entre si, levantavam hipóteses. Nossos momentos foram muito produtivos e prazerosos, o tempo passava muito rápido e todos os objetivos propostos para cada reunião foram alcançados.

Os professores conseguiam enxergar as suas crianças dentro das teorias trabalhadas e diziam que tudo o que era apresentado correspondia à realidade. Isto foi muito impactante a eles, tendo em vista que, muitas vezes, tendem a acreditar que as teorias não se relacionam muito à prática. Com isso tal relação se fez presente, de forma que os professores puderam adquirir instrumentos que os auxiliassem na lida com as crianças, contribuindo à qualidade de suas interações sociais em sala de aula. É Importante ressaltar que esses professores já estabeleciam uma satisfatória relação com as crianças, com o projeto, eles tiveram a oportunidade de aprofundamento neste quesito, compreendendo ainda mais as questões familiares.

Com relação ao trabalho com os pais, dois deles consideraram que seus filhos apresentavam comportamentos para os quais gostariam de orientação, um caso de criança com relação à agressividade e outro de timidez. Estes pais receberam as orientações correspondentes no período da manhã, de forma individualizada.

APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS EM EVENTO CIENTÍFICO

Assim que obtidos resultados parciais do projeto, as estagiárias foram estimuladas a participar de eventos científicos. À época optamos pelo Congresso Brasileiro de Educação (CBE), evento importante, amplo e de nível nacional, organizado pela Universidade Estadual Paulista -UNESP - campus de Bauru/SP. A coordenadora do projeto escreveu um trabalho mais amplo e orientou as estagiárias a escreverem sobre os resultados parciais já obtidos com cada criança que atuavam.

Este processo gerou a participação de toda a equipe no referido evento, com a publicação de 5 trabalhos completos em Anais[2].

2. Anais disponíveis em: http://cbe.fc.unesp.br/cbe2019/anais/
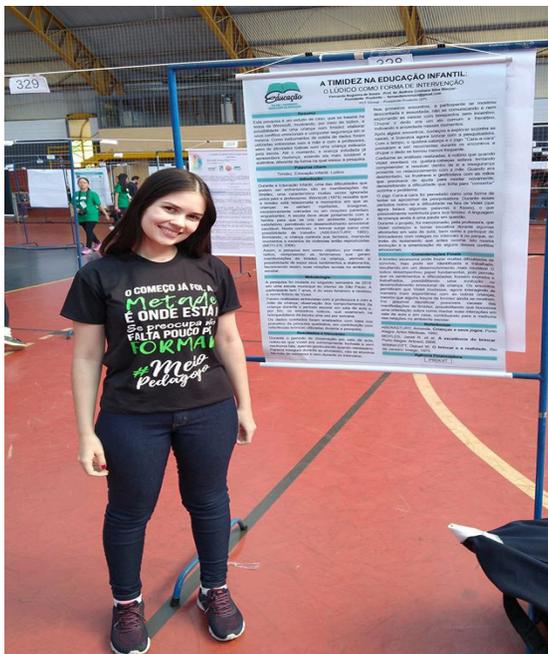
Figura18 **-** Estagiária Fernanda durante a apresentação do trabalho no CBE

Fonte: arquivo pessoal

Figura 19 - Estagiária Viviane durante a apresentação de trabalho no CBE

Fonte: arquivo pessoal

Figura 20 **-** Estagiária Eliane durante a apresentação de trabalho no CBE

Fonte: arquivo pessoal

Figura 21 - Estagiária Helen durante a apresentação de trabalho no CBE

Fonte: arquivo pessoal
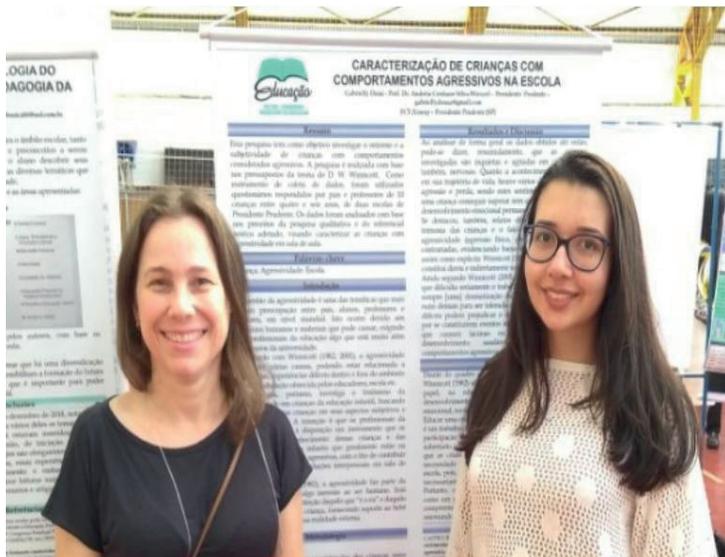
Figura 22- Coordenadora do projeto durante a apresentação de trabalho no CBE, junto à colaboradora Gabrielly.

Fonte: arquivo pessoal

AVALIAÇÃO DO PROJETO

O processo de avaliação foi realizado pela equipe do projeto e pela escola. A avaliação, por parte da equipe do projeto, não se deu em um único momento, ela fez parte de todo o processo. Tal avaliação contínua foi realizada por meio das reuniões entre a coordenadora do projeto com as estagiárias - acompanhando a atuação destas - e com a equipe escolar durante as reuniões de HTP, onde os professores eram questionados a respeito de possíveis resultados parciais junto às crianças e se os conhecimentos obtidos durante o trabalho com eles estava auxiliando na atuação com os alunos em sala de aula. As estagiárias também foram orientadas a sempre conversarem com os professores acerca de possíveis alterações nos comportamentos das crianças em sala de aula, além de observarem a evolução das crianças. Ao final do processo, as estagiárias fizeram, também, uma autoavaliação, embasadas em um questionário.

A seguir apresentam-se as autoavaliações das estagiárias, destacando os processos vivenciados, os resultados obtidos e o impacto da participação no projeto em sua formação acadêmica e pessoal:

FERNANDA

Minha participação no projeto consistia no acompanhamento de uma criança de 7 anos de idade, regularmente ingressada no Ensino Fundamental, que, de acordo com os docentes da respectiva escola, apresentava traços de timidez. Inicialmente, após terem sido realizadas entrevistas com a professora da sala e a mãe da aluna, foi possível concluir que a criança (sujeito da pesquisa) apresentava, sim, comportamentos relativos à timidez excessiva.

Toda semana foram feitos encontros na brinquedoteca da respectiva escola, visando sempre o bem-estar da aluna, bem como a qualidade do processo. Durante o período, buscava-se, através dos jogos e brincadeiras escolhidos pela estudante, compreender as causas, as origens de sua timidez e, gradativamente, influenciar na melhoria de seu comportamento.

Durante os encontros na brinquedoteca eram priorizadas as vontades da criança de acordo com as brincadeiras que escolhia e a forma como gostaria de executá-las. Durante estes períodos acredito ter feito o melhor no que se trata da atenção dirigida a aluna, assim como a qualidade da execução do trabalho. Não foi permitido pela mãe que se tirassem fotos da criança, pois tinha um pouco de receio; no cumprimento do cronograma e participação dos encontros na faculdade, não me ausentei, além de cumprir com os objetivos e discussões durante todo momento. Me comprometi com o grupo, apresentando e discutindo meus resultados conforme o previsto e planejado.

A todo momento durante a realização do projeto escutava-se da professora de sala que a aluna apresentava melhorias em seu comportamento social. Anteriormente ao projeto, a docente relatou que a estudante não conversava ou interagia com qualquer colega de sala ou com qualquer outra pessoa dentro do ambiente escolar. Durante o processo, ela passou a conversar com amigos e até mesmo interagir melhor com a própria professora. Portanto, acredito que o trabalho desempenhado foi muito positivo para o desenvolvimento

da criança, que venceu diversas características de sua timidez com o auxilio dos momentos proporcionados na brinquedoteca.

O projeto foi muito significativo na minha construção como ser humano. Academicamente, foi possível aplicar na prática diversas teorias vistas dentro da universidade. Entender o funcionamento delas e compreender seus limites foram os pontos mais marcantes. Minha experiência me sugere que, se respeitadas as individualidades e particularidades de cada objeto de estudo, de cada sujeito analisado, as teorias podem ser observadas e aplicadas para todos os casos com as devidas fronteiras entendidas.

Também pude enriquecer minha experiência profissional, pois com o projeto eu pude ter uma compreensão maior de vários âmbitos da pedagogia, desde o contato com legislações escolares até uma passagem por psicopedagogia ao realizar o estudo de caso. Assim, minha visão profissional foi amplamente estendida, e agora consigo entender com mais clareza as diferentes possibilidades de atuação dentro da graduação escolhida.

Também me enriqueci pessoalmente. Ao observar e acompanhar uma aluna com timidez, buscando entender os pontos que desencadearam seus respectivos traços, pude entender que a aluna é humana e tem emocional, e esse aspecto, afetado por experiências anteriores, é o principal responsável não somente pelo comportamento dela, mas também por traços comportamentais de todos nós seres humanos, traços esses que podemos nem perceber. Assim, agora consigo entender com muita clareza que cada ser humano é singular e deve ser respeitado como tal.

ELIANE

O projeto foi iniciado sendo apresentado à equipe escolar. Em seguida, conversamos com os professores e os responsáveis pelas crianças. O trabalho, no início, foi bastante delicado e foi executado de forma adequada e satisfatória, pois eu (pesquisadora) ganhei a confiança dos meninos, respeitei seus limites tentando ser mais neutra possível para que ambos pudessem compreender que eu estava ali para ajudá-los.

Os encontros com a primeira criança começaram de forma tímida e ele um pouco arredio, não me convidava para participar de suas brincadeiras. Porém, no decorrer das atividades lúdicas, o resultado foi satisfatório. A professora comentou que houve uma melhora e que o aluno sentia o desejo de ser uma criança melhor, de realizar suas tarefas escolares.

Já nos encontros com a segunda criança, houve uma facilidade em me aproximar e participar de suas brincadeiras. Rapidamente ele demonstrou desenvoltura, começou a conversar e sua professora observou que o desenvolvimento dela em sala de aula foi muito melhor depois que o trabalho foi iniciado. E assim foi durante toda a pesquisa.

As duas crianças tiveram ótimos resultados e isso foi possível devido a amizade, confiança que se estabeleceu por meio do vínculo de afetividade, o qual foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho.

A brinquedoteca escolar teve uma importância muito grande na minha formação acadêmica, pois proporcionou-me contato direto com as crianças e influenciou-me no trabalho como profissional ao mostrar a importância da ludicidade e de dar voz à criança

(ao que ela sente ou pensa). A pesquisa foi concluída com sucesso com os estudos em equipe e o apoio e orientação da coordenadora.

VIVIANE

No decorrer do projeto, a meu ver, as atividades previstas foram desenvolvidas com êxito, sempre buscando realizá-las com o máximo de empenho e comprometimento. No que se refere à qualidade de sua execução, acredito que dedicação, responsabilidade e compromisso com o projeto foram as palavras chave para alcançar o aspecto qualitativo desejado.

De modo geral, os resultados obtidos com a criança foram positivos, uma vez que o aluno avançou em sua interação social com a pesquisadora, o que, em princípio, não ocorria. Também, gradativamente, foi estabelecendo vínculo e confiança em mim, o que possibilitou a manifestação e resolução de alguns dos conflitos internos pelos quais a criança estava passando naquele determinado momento de seu desenvolvimento emocional.

Nesse contexto, o projeto ora mencionado foi de extrema para minha formação integral (acadêmica, pessoal e profissional), uma vez que possibilitou o conhecimento e a compreensão de aspectos emocionais que interferem diretamente nas relações interpessoais, o que virá a refletir em minha atuação profissional, resultando numa práxis educativa que ao invés de se deparar com uma situação de manifestação agressiva julgar a criança, indubitavelmente irei acolhê-la, para que ela possa ter a oportunidade de solucionar seus conflitos emocionais internos.

HELEN

As atividades previstas do projeto foram executadas no espaço escolar, ou seja, na brinquedoteca da escola. Os encontros com a criança ocorreram uma vez por semana, com duração de 50 minutos. Esse espaço, além de possuir muitos jogos, continha também três caixas com brinquedos selecionados para que a criança pudesse escolher espontaneamente.

Nos primeiros encontros a criança olhava para baixo, tinha um semblante triste, não correspondia ao cumprimento quando eu a encontrava para brincar, era quieta, pouco conversava, era insegura ao brincar e não explorava o espaço da brinquedoteca. Entretanto, no decorrer dos encontros, um vínculo afetivo firmou-se entre a criança e eu. E essa relação de afeto contribuiu para que ela se sentisse segura ao brincar. Logo, foi possível notar as primeiras mudanças em seu comportamento: seu semblante, sua expressão mudou para alegre, animada, sorridente, conversava comigo durante a brincadeira, passou a olhar nos meus olhos, cumprimentava-me e se despedia com abraço.

Os estudos apresentados e discutidos nas reuniões com a professora Andréia, facilitaram na compreensão de determinadas situações vividas durante a pesquisa e em sala de aula. Os encontros foram realizados/cumpridos de acordo com o cronograma.

Ao final da pesquisa, a professora da criança relatou mudanças significativas em seu

comportamento: a criança passou a pedir para ser a "Ajudante do dia", também questiona e repreende os amigos quando estão errados. Brinca e interage com as amigas, só em alguns momentos vai ao encontro da professora.

Por fim, o projeto refletiu de forma positiva para a minha vida acadêmica: despertou ainda mais o desejo de querer estudar e pesquisar outros temas para poder contribuir e fazer a diferença na vida de outras crianças, seja de forma direta ou não. Foi muito gratificante poder participar da evolução da criança e levarei essa experiência para a minha vida profissional e pessoal, sempre refletindo sobre a importância e o direito de brincar, devendo fazer parte da formação de um cidadão.

Com relação à escola, a avaliação do projeto foi pauta da reunião de HTP do dia 18/12/2019. Apresento, a seguir, os relatos de três professores a respeito da experiência:

Todas as palestras contribuíram de maneira significativa para a nossa formação continuada, os temas nos ajudaram muito e tiramos muitas dúvidas com a professora Andreia, que sempre foi muito atenciosa e solícita em nos atender. As palestras sempre nos deixaram com vontade de quero mais, de tão excelentes que foram, dinâmica leve, conteúdo esclarecedor, unindo teoria e prática. Como tive alunos que foram atendidos pelas pesquisas posso dizer que houve melhoras significativas em seus comportamentos, o que foi excelente (Profª Nahiara).

Durante o ano de 2019, participei das palestras ministradas pela professora Andreia Wiezzel, na escola e no Grupo de estudos na UNESP. Estas palestras compuseram as propostas escolares de ações efetivas na formação e capacitação das professoras e dos professores. A escola, situada na periferia, recebe alunos de baixa renda, em situações de vulnerabilidade social, tendo crianças que apresentam baixos rendimentos no aproveitamento escolar e altos índices de agressividade.

Como professora efetiva da unidade escolar, considero que as palestras foram relevantes em suas temáticas e extremamente importantes para minha formação e atuação profissional. Nas palestras foram abordados temas como os processos de desenvolvimento dos alunos, suas relações com as famílias, com a escola e os profissionais da educação, suas etapas de desenvolvimento biológico, emocional, cognitivo e psicoafetivos, com perspectivas teóricas da psicanálise e de autores renomados, como Winnicott.

Neste sentido, percebo o quanto essas palestras, reflexões e formações contribuíram com a minha prática profissional e de outras professoras, para compreendermos as individualidades das crianças, suas singularidades, as dificuldades de aprendizagens e os caminhos para superação, e para repensar em atividades educacionais e didáticas, que pudessem atingir as expectativas de aprendizagens para as crianças em formação e desenvolvimento.

Também foi possível compreender que a criança, além de ser um sujeito em formação, para desenvolver suas habilidades e capacidades, também traz consigo sua história de desenvolvimento afetivo, o que influencia em todos os processos de apropriação do conhecimento escolar.

Desta forma, percebo que este tipo de formação para professoras na escola é fundamental, tanto para compreendermos o aluno como um sujeito múltiplo, afetado pela

vida escolar, seu ambiente de criação, pelas inter-relações e produção de subjetividade, quanto para efetivar a escola como um espaço de humanização, inclusão social e de promoção de conhecimento (Profª Márcia).

As palestras ministradas pela Profª Andreia foram muito significativas no sentido de desmistificar alguns comportamentos de crianças que muitas vezes são vistas com olhar negativo devido ao seu comportamento, sendo estas as que mais precisam de apoio. Ao trazer informações sobre os dois extremos, como a timidez e a agressividade, foi possível compreender melhor alguns comportamentos vivenciados no cotidiano da escola, propiciando que as crianças sejam melhor assistidas e desenvolvidas (Prof. Ronaldo).

Ao longo do projeto foi se desenvolvendo muita empatia entre a equipe de pesquisa, os gestores e professores da escola envolvida. Quanto mais conversávamos sobre as crianças, mais despertava nosso interesse e a compreensão da situação de cada uma, de forma a identificarmos as suas necessidades emocionais e correlacioná-las aos comportamentos apresentados em sala de aula.

Nossos momentos eram muito proveitosos e prazerosos, os professores diziam que *"Nem parecia que aqueles encontros se tratavam de uma formação*", pois, o tempo corria muito rápido e estabelecemos uma ótima parceria, um clima de troca muito enriquecedor a todos que, sem dúvida, favoreceu as crianças e famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi investigar e realizar intervenção junto a cinco crianças (três com manifestações agressivas e duas com muitas características de timidez em sala de aula), de forma a contribuir à qualidade de suas relações interpessoais. A intervenção se deu sob forma de atividades lúdicas espontâneas, na brinquedoteca escolar, além de um trabalho com os professores, gestores e orientações aos pais interessados.

Tanto com relação à agressividade como à timidez, as crianças participantes constituíam casos de gravidade média, correndo significativo risco de evoluírem negativamente em suas relações sociais. De maneira atenta às dificuldades apresentadas por essas crianças, o trabalho foi desenvolvido a partir do envolvimento das três instâncias interessadas, cada uma colaborando a partir de sua perspectiva, possibilitando os resultados positivos alcançados.

O que se tornou evidente é que as habilidades sociais estão atreladas ao desenvolvimento emocional infantil, que, por sua vez, está atrelado ao entorno da criança, fortemente influenciado pelas suas condições emocionais e de suas famílias. A escola se mostra como um porto seguro, do ponto de vista das crianças, que buscam nesta aquilo que julgam estar precisando para continuarem seu desenvolvimento emocional.

Por fim, brincar ou realizar atividades lúdicas em companhia de uma pessoa receptiva, atenciosa e disponível afetivamente à criança, que lhe proporcione acesso a um brincar seguro e organizado de maneira técnica, se mostrou como uma das possibilidades de trabalho com crianças que estejam com dificuldades nas interações sociais. Geralmente as crianças com esses tipos de dificuldades lidam com muitas ameaças internas, projetadas ao ambiente externo, o que causa dificuldade em serem espontâneas em suas relações. Na brinquedoteca, aos poucos, as crianças percebem que não precisam ter medo, receios, que têm à disposição delas pessoas que estão interessadas em seu bem-estar e que irão orientá-las, assim se sentem mais confiantes para expressarem os conflitos emocionais que as estão incomodando, abrindo possibilidades de elaboração psíquica, que traz alívio e minimiza o seu mal estar.

Na escola as dificuldades de relacionamento vêm à tona porque, dentre outros aspectos a serem apontados, a faixa etária analisada coincide com a entrada das crianças na instituição, o que por si só pode trazer insegurança e conflitos emocionais, dando espaço à manifestação de tudo o que já estiver meio desorganizado ou em processo de organização dentro da criança, no que concerne a seus aspectos emocionais.

Por isso a importância de os professores reconhecerem essas crianças, orientando-as em suas formas de desempenharem seus papéis sociais, os gestores oferecerem apoio técnico (assim como a escola que fechou parceria conosco), a universidade disponibilizar recursos humanos qualificados para apoio às escolas (desenvolvimento de projetos) e os pais serem envolvidos (na medida do possível) para que essas crianças sejam auxiliadas em seus processos de desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A . **A criança e seus jogos.** 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.

CAMPOS, D, M. de S. **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CRAWFORD, Lynne. TAYLOR, Linda. **Timidez:** esclarecendo suas dúvidas. Trad. ZLF Assessoria Editorial. São Paulo: Ágora, 2000.

BARROS NETO, T. P; F. L. Transtornos de personalidade em parentes com fobia social. **Rev. Psiquiátrica clínica**, São Paulo, v. 33, n. 1, 2006.

BOWLBY, J. **Uma base segura**: aplicações, clínica da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FALCONE, E. Ansiedade social normal e ansiedade fóbica: limites e fundamentos etiológicos. **Rev. Psiquiátrica clínica**, São Paulo, v. 27, n.6: 301-8, 2000.

CRAWFORD, Lynne. TAYLOR, Linda. **Timidez:** esclarecendo suas dúvidas. Trad. ZLF Assessoria Editorial. São Paulo: Ágora, 2000.

MASCARENHAS, D. **Da timidez à superação de si mesmo**. Belo Horizonte-MG: Leitura, 2007.

MONDIN, E. M. C. Interações afetivas na família e na pré-escola**. Estudos de Psicologia,** v. 1, n.1:131-138.

MONJAS-CASARES, M. I. ; CABALLO, V. E. ; MARINHO, M. L. **A criança tímida e retraída**. Pediatria Moderna. São Paulo - Brasil, v. 38, n.5, p. 196-201, 2002.

MOTTA FILHO, C. **Ensaio sobre a timidez**. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

SILVA, J. R. da; RIBEIRO, I. J. L. A timidez numa perspectiva psicanalítica: avaliando o problema numa escola pública estadual de ensino fundamental, no município de Aguiar, Paraíba. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, Pombal, v. 5, n. 1, p.34-42, mar. 2015. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/download/3152/2643>. Acesso em: 20 mar. 2018.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

WINNICOTT, D. W. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

WINNICOTT, D. W. **Privação e delinqüência**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SOBRE A AUTORA

ANDREIA CRISTIANE SILVA WIEZZEL - Graduada em Pedagogia, com Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é Professora na Universidade Estadual Paulista - Unesp - campus de Presidente Prudente- SP. Atua no Departamento de Educação, nas disciplinas de Psicologia da Educação e Psicologia do Desenvolvimento na graduação e pós-graduação. Trabalha, principalmente, em linhas de pesquisa voltadas ao desenvolvimento emocional infantil e formação de professores. Possui pesquisas e publicações voltadas à crianças da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, acerca de vários aspectos que envolvem o desenvolvimento emocional e as relações interpessoais na escola.

estudo e intervenção abordando a agressividade e a timidez na escola

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2021